



Luís Filipe Henriques Baptista

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA
ESCOLA SECUNDÁRIA ENGENHEIRO CALAZANS DUARTE
JUNTO DA TURMA 9º G NO ANO LETIVO 2017/2018**

Relatório de Estágio Pedagógico do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário sob a orientação do Professor Doutor Paulo Renato Bernardes Nobre apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra

Setembro de 2018



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Luís Filipe Henriques Baptista (2014190064)

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO

Relatório de Estágio em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade de Coimbra para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Professor Doutor Paulo Renato
Bernardes Nobre

COIMBRA

2018

Citação Bibliográfica:

BAPTISTA, L (2018). Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido na Escola Secundária Engenheiro Calazans Duarte junto da turma G do 9º ano no ano letivo 2017/2018. Relatório Final de Estágio do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal.

Luís Filipe Henriques Baptista, aluno nº2014190064 do MEEFEBS da FCDEF-UC, vem declarar por sua honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da sua autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no art. 28º, da secção V, do Regulamento Pedagógico da UC de 23 de agosto de 2013.

10 de setembro de 2018

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer de forma especial aos meus alunos da turma 9º G por todas as experiências que me proporcionaram, mesmo sem intenção, contribuindo para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Ao orientador, professor Cláudio Sousa, por toda a orientação e por ter proporcionado tantos momentos de reflexão, aumentando a minha capacidade de trabalho.

Ao orientador da Faculdade, professor Doutor Paulo Nobre, agradeço as ajudas e conselhos na orientação do trabalho realizado.

Aos meus colegas de estágio por toda a partilha, concordâncias e discordâncias que nos acompanharam ao longo deste ano, que se demonstraram úteis para a concretização desta etapa.

À Diretora da turma do 9º G da Escola Secundária Engenheiro Acácio Calazans Duarte professora Guida Ferreira pela dedicação, paciência e conhecimentos transmitidos no âmbito da realização do cargo de assessor.

Aos professores e funcionários da Escola Secundária Engenheiro Acácio Calazans Duarte por tão bem me terem recebido e acolhido, particularmente aos colegas do grupo disciplinar de Educação Física, pela integração, desabafos e conselhos que tão preciosos foram durante este estágio. Em especial ao professor Nuno Escudeiro por todo o apoio e conhecimento transmitido ao longo deste ano letivo.

À minha mãe, irmãos, cunhadas e aos meus sobrinhos pelo apoio e paciência ao longo de todo o ano e pela disponibilidade para estarem sempre presentes nos momentos em que mais precisei.

Aos colegas de trabalho pela ajuda preciosa que me deram.

A todos, o meu muito obrigado!

RESUMO

O Relatório Final de Estágio insere-se no plano curricular do 2º ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

Este relatório integra uma análise e reflexão ao Estágio Pedagógico realizado na Escola Secundária Engenheiro Acácio Calazans no ano letivo de 2017 / 2018.

O Estágio Pedagógico caracteriza-se por um período de formação curricular onde é possibilitado ao professor estagiário, de uma forma orientada, exercer e cumprir com todas as funções inerentes ao cargo docente. Constitui, portanto, a componente prática da aplicação dos saberes teóricos adquiridos durante a formação inicial. Neste caso, o Estágio Pedagógico foi realizado na Escola Secundária Acácio Calazans Duarte inserido no Agrupamento de Escolas Marinha Grande Poente no ano letivo de 2017/2018, no qual foi lecionada a disciplina de Educação Física à turma G do 9º ano.

O Relatório de Estágio tem por objetivo descrever e refletir sobre as atividades desenvolvidas, aprendizagens realizadas, dificuldades sentidas e as formas utilizadas para as vencer durante o estágio pedagógico.

Este relatório divide-se em três partes fundamentais: a primeira trata de uma contextualização da prática desenvolvida; a segunda consiste numa análise reflexiva sobre a prática pedagógica; e por fim, a terceira parte irá aprofundar o tema-problema “O uso do estilo de ensino recíproco e a motivação nas aulas de Futsal”.

Para este estudo, foi aplicado um questionário a 28 alunos do 9º G da Escola Secundária Engenheiro Acácio Calazans Duarte. Os resultados revelaram que os alunos estão motivados para o Futsal.

Palavras-Chave: Estágio Pedagógico, Educação Física, Motivação e Estilo de Ensino Recíproco.

ABSTRACT

The Final Report of Internship is included in the curricular plan of the 2nd year of the Master's Degree in Physical Education Teaching in Basic and Secondary Education, Faculty of Sports Sciences and Physical Education, University of Coimbra.

This report integrates an analysis and reflection on the Pedagogical Teacher training held at the Engenheiro Acácio Calazans Duarte Secondary School in the academic year 2017/2018.

The Pedagogical Stage is characterized by a period of curricular formation where it is possible for the trainee teacher, in an oriented way, to exercise and fulfill all the functions inherent to the teaching position. It is, therefore, the practical component of the application of the theoretical knowledge acquired during the initial training. In this case, the Pedagogical Stage was held at the Acácio Calazans Duarte Secondary School, from the Marinha Grande Poente School Group in the academic year 2017/2018, in which the Physical Education discipline was taught to the G group of the 9th grade.

This report has three parts: the first deals with a contextualization of the developed practice; the second is a reflexive analysis of pedagogical practice; and finally, the third part will deepen the Problem-Theme on "The use of reciprocal teaching style and motivation in Physical Education Futsal classes". For this study, a questionnaire was applied to 28 students from the 9th G of the Engenheiro Acácio Calazans Duarte Secondary School. The results revealed that the students are motivated for Futsal.

Keywords: Pedagogical Stage, Physical Education, Motivation and Reciprocal Teaching Style.

LISTA DE ABREVIATURAS

AD – Avaliação Diagnóstica

AEMGP – Agrupamento de Escolas Marinha Grande Poente

AF – Avaliação Formativa

AS – Avaliação Sumativa

EF – Educação Física

EP – Estágio Pedagógico

E-A – Ensino-Aprendizagem

FB - Feedback

FCDEF-UC – Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra

JDC – Jogo Desportivos Coletivos

PFI – Plano de Formação Individual

PNEF – Plano Nacional de Educação Física

UD – Unidade Didática

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	IV
RESUMO.....	V
ABSTRACT.....	VI
LISTA DE ABREVIATURAS.....	VII
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA.....	2
1 - Expectativas Iniciais.....	2
2 - Fragilidades de desempenho.....	3
3 - Caracterização de condições de realização.....	3
3.1 - Caracterização da escola.....	3
3.2 - Recursos espaciais.....	4
3.3 - Caracterização do grupo de Educação Física.....	4
3.4 - Caracterização da turma.....	5
CAPÍTULO 2 - ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA DESENVOLVIDA.....	7
1 - Planeamento.....	7
1.1 - Plano Anual.....	8
1.2 - Unidades Didáticas.....	10
1.3 - Planos de aula.....	12
2 - Realização.....	14
2.1 - Instrução.....	14
2.2 - Estilos de Ensino.....	16
2.3 - Gestão.....	19
2.4 - Clima de aula/disciplina.....	20
2.5 - Decisões de ajustamento.....	20
3 - Avaliação.....	21
3.1 - Avaliação Diagnóstica.....	21
3.2 - Avaliação Formativa.....	22
3.3 - Avaliação Sumativa.....	23
4 - Aprendizagens realizadas.....	25
5 - Cargo de Assessoria.....	26

6 - Projetos e Parcerias.....	27
7 - Ética profissional.....	29
CAPÍTULO 3 -TEMA PROBLEMA.....	31
Introdução.....	31
1 - REVISÃO DA LITERATURA.....	32
1.1 - Motivação.....	32
1.2 - Tipos de motivação.....	34
1.3 - Estilo de Ensino.....	35
2 - APRESENTAÇÃO E PERTINÊNCIA DO ESTUDO.....	37
2.1 - Formulação do problema.....	37
2.2 - Objetivos.....	37
3- METODOLOGIA.....	38
3.1 - Procedimentos.....	38
3.2 - Instrumentos.....	39
3.3 - Caracterização dos participantes.....	39
4 - APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS.....	39
4.1 - Motivação dos alunos para a matéria do Futsal.....	39
4.2 - Formas de trabalho preferidas dos alunos.....	41
4.3 - Motivação dos alunos para o trabalho a pares.....	42
4.4 - Influência percebida do trabalho a pares na aprendizagem do Futsal.....	43
5 - DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	43
5.1 - Motivação dos alunos para a matéria do Futsal.....	43
5.2 - Formas de trabalho preferidas dos alunos.....	44
5.3 - Motivação dos alunos para o trabalho a pares.....	44
5.4 - Influência percebida do trabalho a pares na aprendizagem do Futsal.....	45
6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
BIBLIOGRAFIA.....	47
ANEXOS.....	50

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Síntese Diagnóstico da turma 9º G

QUADRO 2 – Matérias lecionadas em cada período

QUADRO 3 – Caracterização da turma

QUADRO 4 – Motivação dos alunos para a matéria do Futsal

QUADRO 5 – Razões da motivação dos alunos

QUADRO 6 – Formas de trabalho preferidas pelos alunos

QUADRO 7 – Razões das formas de trabalho preferidas pelos alunos

QUADRO 8 – Motivação dos alunos para trabalho a pares

QUADRO 9 – Razões da motivação dos alunos para trabalho a pares

QUADRO 10 – Influência percebida do trabalho a pares na aprendizagem do Futsal

INTRODUÇÃO

Este documento surge no âmbito da Unidade Curricular (UC) de Estágio Pedagógico (EP), inserido no Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (MEEFEBS), da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra (FCDEF-UC) e tem como objetivos estabelecer uma descrição acerca da prática pedagógica efetuada no estágio, assim como uma análise reflexiva e específica acerca de todos os itens abordados no Estágio Pedagógico. Relativamente ao EP, este foi realizado na Escola Secundária Engenheiro Acácio Calazans Duarte – Marinha Grande, no ano letivo 2017/2018, tendo início em Setembro de 2017 e fim em Junho de 2018 e foi realizado em conjunto com três colegas – Filipa Santos, Jéssica Salgueiro e Nuno Escudeiro. A turma que nos foi destinada foi o 9º G, sendo esta constituída por 28 alunos (27 até final do 2º período), 15 do sexo masculino (14 até ao final do 2º período) e 13 do sexo feminino.

No que concerne à organização do trabalho, este divide-se em três capítulos, sendo a primeiro a referência à contextualização da prática desenvolvida, as nossas expectativas iniciais enquanto professores estagiários, enquadramento do meio escolar, a relação com o grupo de professores de Educação Física, o Núcleo de Estágio, os orientadores e para terminar a caracterização da turma.

O segundo capítulo refere-se à análise reflexiva de toda a prática pedagógica englobando os processos de ensino-aprendizagem, planeamento, realização e avaliação adotados, aprendizagens realizadas, cargo de assessoria, projeto e parcerias e ética profissional.

O último capítulo diz respeito ao aprofundamento do tema /problema “ O uso do estilo de ensino recíproco e a motivação nas aulas de Futsal ”

CAPÍTULO 1 - CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA

Neste capítulo, abordamos a contextualização em que este estágio pedagógico foi desenvolvido. Começando por refletir sobre as expectativas iniciais com que iniciamos o estágio, seguindo-se as fragilidades de desempenho e terminamos com o contexto sociogeográfico em que o mesmo ocorreu, de modo a contextualizar esta experiência da prática lectiva.

1 – Expectativas Iniciais

Desde muito cedo que o gosto pelo Desporto e pela Educação Física faz parte integrante das nossas vidas e esse sonho está cada vez mais perto de se concretizar, sendo o EP a última etapa dessa realização pessoal. Sendo trabalhador estudante eram imensas as expectativas sentidas com a aproximação do estágio, todas elas provenientes da reflexão sobre a forma como iria decorrer a prática.

Na qualidade esperávamos deste ano, um ano rico em aprendizagens, tanto a nível específico da Educação Física, como em valores e atitudes que deveríamos desenvolver enquanto professores. Estávamos certos que a realização do estágio seria um passo decisivo para a continuidade da nossa aprendizagem e para o desenvolvimento de competências profissionais num quadro de desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão.

Outra das nossas expectativas iniciais foi para com o grupo de Educação Física, se funcionaríamos como verdadeiro grupo, com o qual poderíamos partilhar e aprender

O EP começou com um misto de alegria, nervosismo, ansiedade e receio de errar mas por outro lado havia uma enorme motivação porque era o começo de uma nova etapa – etapa esta que seria a última preparação para o futuro enquanto professor de Educação Física. Refira-se que havia, alguma ansiedade e insegurança quanto à turma a leccionar e por ser a primeira experiência enquanto docente sem quaisquer conhecimentos anteriores com a realidade da escola.

2 - Fragilidades de desempenho

Esta fase da nossa aprendizagem e integração na carreira de professor implica a ultrapassagem de diversas dificuldades tais como o imprevisto, a realização de tarefas para as quais não possuímos ainda experiência e a adaptação à turma, à escola e à comunidade.

No que respeita ao planeamento, as maiores dificuldades sentidas tiveram a ver com a realização das Unidades Didáticas (UD) após a Avaliação Diagnóstica (AD) onde posteriormente teríamos de definir objetivos em articulação com o programa. Quanto aos planos de aula, desde o início que a maior dificuldade era ter uma boa seleção de exercícios adequados aos diversos níveis dos alunos. Para melhorar isso tivemos um trabalho muito intenso de análise, pesquisa, autoanálise e justificação.

A falta de experiência e de conhecimentos especialmente práticos relativos à Unidade Didática de Ginástica Solo/Aparelhos, Danças Tradicionais e Badminton foi também uma dificuldade prática que nos preocupou aquando da sua lecionação. Contudo obrigou-nos a realizar uma pesquisa junto de outros professores de Educação Física que costumam leccionar essas modalidades, levando-nos inclusivamente a ter autênticos momentos de formação teórica e prática, de forma a poder planificar e demonstrar da melhor forma as tarefas propostas durante as aulas dessas modalidades.

Por fim, o facto de sermos trabalhador – estudante, condicionou-nos bastante, devido ao facto de tornar difícil a conciliação do tempo necessário à execução das tarefas próprias da profissão e do estágio.

3 – Caracterização das condições de realização:

3.1– Caraterização da escola

A Escola Secundária Calazans Duarte tem uma origem que remonta ao século XVIII, com a instalação da Fábrica de Vidro na Marinha Grande. Encontra-se na zona Poente da cidade de Marinha Grande e é constituída por um único edifício com uma tipologia arquitetónica centrada num pátio. Esta escola sofreu uma intervenção e requalificação em 2010, no âmbito do Programa Parque Escolar. Desde a sua criação, o AEMG Poente integra 10 estabelecimentos de ensino: os Jardins de Infância da

Amieirinha e da Ordem, as escolas básicas da Amieirinha, Casal de Malta, Fonte Santa, Francisco Veríssimo, Moita e Várzea, a Escola Básica Guilherme Stephens e a Escola Secundária Engº Acácio Calazans Duarte. Em termos de população escolar, a ESEACD inclui mais de 1300 alunos, 160 professores incluindo técnicos especializados, e 70 funcionários, entre assistentes técnicos operacionais e técnicos superiores.

3.2 - Recursos espaciais

A escola integra um pavilhão Polivalente. Este espaço, apesar de coberto, fica exposto do lado norte à chuva. Existe um relvado exterior sintético, com marcações para andebol e futsal, para além de campos de basquetebol dispostos de forma transversal, com as respetivas tabelas. Na escola existe um ginásio, equipado com aparelhos para a ginástica. Este espaço está preparado para a lecionação de ginástica de solo e de aparelhos, badminton e escalada, uma vez que o ginásio tem instalada uma parede de escalada com 5 metros de altura.

Para além dos espaços já identificados, existem outros que, apesar de não pertencerem à escola, podem ser usados nas aulas de Educação Física, sendo estes o Estádio Municipal da Marinha Grande, no qual podem ser lecionadas as várias disciplinas de Atletismo, uma vez que o mesmo dispõe de uma pista de tartan, duas caixas de areia, para além da zona de saltos e de lançamento do peso. Estão disponíveis quatro campos de Ténis, situados junto à escola e o Parque dos Mártires, no qual existem dois campos de futsal.

3.3 - Caracterização do grupo de Educação Física

O Grupo de EF insere-se no Departamento de Expressões da Escola e é constituído por dez professores, sete do quadro e três contratados, e três professores estagiários. No presente ano letivo, o professor Cláudio Sousa é o coordenador do grupo. Ao longo do ano letivo foi possível observar um bom ambiente de trabalho entre os professores do Grupo de EF. É de salientar que grande parte dos docentes demonstrou uma enorme disponibilidade para auxiliar os estagiários a superar as suas dificuldades, partilhando as suas experiências e estratégias, sendo estas bastante úteis na planificação e gestão das aulas por parte dos professores estagiários.

3.4 - Caracterização da turma

A caracterização adequada da turma é primordial para que o processo de ensino aprendizagem seja eficaz, ou seja, para que o professor possua os elementos necessários para adequar a transmissão dos conteúdos programáticos aos alunos constituintes da turma. Para isso o professor deverá centrar a sua investigação em aspetos que realmente poderão ser preponderantes para o sucesso dos alunos e relacioná-los com a intervenção pedagógica, de modo que os dados obtidos sejam pertinentes e operacionais. Tal como refere Zabalza (1992), “dos alunos interessa-nos conhecer as suas características e experiências a nível de background cultural, de aprendizagem e nível de desenvolvimento, as suas formas básicas de adaptação à escola (aos estudos, aos companheiros, às exigências escolares e aos professores) ”. Para a recolha de dados optou-se por solicitar aos alunos, na primeira aula, o preenchimento de um questionário desenvolvido pelo núcleo de estágio de EF da ESEACD. Deste questionário foram retiradas diversas informações (anexo1).

A turma é constituída por 28 alunos, sendo 15 do género masculino e 13 do género feminino sendo que 1 aluno ingressou na turma no 3º período, vindo do 9ºC. Os alunos apresentam idades que variam entre os 13 e os 16 anos e a média de idade é de 14 anos.

A nível desportivo, 12 alunos têm bastante interesse pelo exercício físico e 16, por diversas razões, não demonstram muito interesse. As modalidades preferidas pelos alunos são o Badminton, Futsal e Andebol, gostando menos de Ginástica, Atletismo e Danças tradicionais.

Existem alguns alunos que praticam ou já praticaram desporto federado, em modalidades variadas, como o Futebol, Futsal, Patinagem de velocidade e Natação.

A grande maioria dos alunos reside próximo da Escola, ainda que alguns necessitam de transporte para se deslocar.

Pelas informações obtidas através da Diretora de Turma, a nível de desempenho, a grande maioria da turma tinha um aproveitamento escolar razoável em que 7 dos 28 já tinham retenções nos anos anteriores.

No que diz respeito ao contexto familiar dos alunos da turma, a maioria dos alunos vive com os pais, à exceção de dois alunos que vivem com a mãe e dois vivem só com o pai e quatro alunos vivem só com a mãe e irmãos.

Quanto à habilitação académica dos pais, existem três pais e duas mães com ensino superior, estando os restantes divididos entre o 1º ciclo, 2º ciclo, 3º ciclo e secundário.

No que diz respeito a problemas de saúde não havia registos de grandes preocupações.

Em termos de aprendizagens adquiridas, no início do ano a turma mostrava-se mais proficiente nas matérias de Futsal, Andebol, Voleibol e Atletismo.

Quadro 1: Síntese do diagnóstico da turma

Síntese do diagnóstico da turma	
Basquetebol	Introdutório (21) Elementar (6) Avançado (0)
Ginástica	Introdutório (27) Elementar (0) Avançado (0)
Atletismo	Introdutório (20) Elementar (7) Avançado (0)
Voleibol	Introdutório (18) Elementar (9) Avançado (0)
Andebol	Introdutório (15) Elementar (11) Avançado (1)
Danças tradicionais	Introdutório (27)
Futsal	Introdutório (15) Elementar (8) Avançado (5)
Badminton	Introdutório (23) Elementar (4) Avançado (1)

CAPÍTULO 2 - ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA DESENVOLVIDA

No presente capítulo iremos fazer uma análise reflexiva sobre esta experiência de prática lectiva, na qual, procuramos refletir sobre os vários aspetos como o planeamento, realização, avaliação, aprendizagens realizadas, cargo de assessoria, projetos e parcerias e ética profissional.

1 - Planeamento

No planeamento, de acordo com Bento (2003) “são determinados e concretizados os objetivos mais importantes da formação e educação da personalidade, são apresentadas as estruturas coordenadoras de objetivos e matérias, são prescritas as linhas estratégicas para a organização do processo pedagógico”.

O planeamento é uma ferramenta preponderante na organização do processo ensino aprendizagem, isto porque é nesta etapa que se definem os objetivos e o modo de os concretizar, tendo em conta os recursos existentes no meio de atuação. Desta forma, tal como refere Bento (2003) “a planificação do processo educativo é extremamente complexa, pluridimensional e multiforme, dependendo também de condições diversas”.

O processo de ensino- aprendizagem torna-se coerente e de qualidade quando o professor planeia toda a ação educativa de forma flexível, para que, caso seja pertinente possa ser ajustado. Isto porque nem tudo o que é planeado é exequível na realidade.

Desta forma a planificação “é o elo de ligação entre as pretensões, imanentes ao sistema de ensino e aos programas das respetivas disciplinas, e a sua realização prática.” (Bento 2003). E nesse sentido, como salienta Graça (2001), “Compreender o planeamento do professor é, do ponto de vista psicológico, compreender como o professor transforma e interpreta conhecimento, formula intenções e atua em função desse conhecimento e dessas intenções”.

A elaboração do planeamento é dividida em três fases distintas: Plano Anual, as Unidades Didáticas e os Planos de Aula. A planificação do ensino contempla a formulação dos objetivos de ensino, a escolha da matéria de ensino-aprendizagem, o estabelecimento das formas de organização e a determinação de métodos de controlo e avaliação.

O planeamento é, desta forma, um processo complexo que pressupõe uma aproximação estruturada de antecipação do futuro, que exige uma reflexão cuidada por parte do professor.

1.1 - Plano Anual

O Plano Anual (PA) de turma foi elaborado nas primeiras reuniões do Núcleo de Estágio com a intenção de se definir o trajeto a realizar no ano lectivo 2017/2018 planificando e estruturando os objetivos que pretendíamos alcançar no processo ensino-aprendizagem. Procuramos delinear o PA tendo em conta o contexto da escola e da turma, no sentido exposto por Bento (2003), como um "plano é um modelo racional, (...) de perspectiva global que procura situar e concretizar o programa de ensino no local e nas pessoas envolvidas".

Para a elaboração do PA foram analisados o Programa Nacional de Educação Física (PNEF), o Regulamento Interno da ESEACD, o Plano Educativo da ESEACD e a legislação reguladora da prática pedagógica, tendo sido ainda utilizada a caracterização do meio e dos alunos. A análise destes documentos permitiu adaptar o PA aos princípios e valores de atuação da filosofia da escola e aceder a uma perceção de todos os direitos e deveres inerentes à profissão de professor e às características do aluno. A seleção das matérias para o 9º ano de escolaridade teve em conta as sugestões do PNEF que foram ajustadas pelo grupo disciplinar de EF da ESEACD. Este grupo teve em consideração as instalações da escola e os constrangimentos inerentes à rotação de espaços.

Deste modo há, então, uma reorganização das orientações prescritas no PNEF, de modo a melhor servir a comunidade discente da ESEACD. O modelo de planeamento utilizado é um modelo de periodização por blocos com rotação do espaço em ciclos de 4/5 semanas traduzindo-se num total de 12 aulas (4 aula com a duração de 90 minutos e 4 aulas com a duração de 45 minutos). Deste modo, as matérias são selecionadas em função do local onde decorre a aula, o que por um lado facilita o planeamento e a gestão de recursos, mas por outro, não tem em conta as necessidades individuais dos alunos e o tempo de aprendizagem de cada matéria. Com o mapa de rotação (anexo2), cada estagiário escolheu as matérias a leccionar. Para o 9º G ficaram definidas as seguintes: FitEscola, Basquetebol, Ginástica no Solo e de Aparelhos, Atletismo, Andebol, Voleibol, Danças Tradicionais, Futsal e Badminton.

Quadro 2: Matérias lecionadas em cada período

Período	Espaço	UD
1º	Relvado	Basquetebol
	Ginásio	Ginástica de solo/Aparelho
	Exterior	Atletismo
2º	Polivalente	Voleibol
	Relvado	Andebol
	Ginásio	Danças Tradicionais
3º	Exterior	Futsal
	Polivalente	Badminton

Após a decisão das modalidades a leccionar foi elaborado um cronograma que nos permitiu calendarizar as aulas de cada modalidade ao longo do ano letivo de modo a conseguirmos posteriormente planear as Unidades Didáticas (UD).

A elaboração do plano anual revelou-se, assim, extremamente útil para o processo pedagógico, conseguindo-se um “plano global, integral realista da intervenção educativa para um período lato de tempo” (Bento 2003) que ajudou a construir um caminho com vista ao fomento das aprendizagens dos alunos, sequenciando os conteúdos de forma lógica e acessível.

A elaboração do PA tem um papel indispensável, na medida em que surge da necessidade de criar um guia orientador que permite ao professor otimizar a articulação entre as partes que dele fazem parte, nomeadamente elaborar a planificação de acordo com as características do meio envolvente, assim como, as características de cada aluno. Este plano é para nós um documento muito importante, pelo que desde o início, foi nossa preocupação que o mesmo fosse elaborado com o máximo rigor e critério por se tratar de um documento bastante importante para o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos ao longo do ano. Importa mencionar que a UD de Danças Tradicionais foi por nós introduzida no PA aceitando a sugestão do professor orientador de introduzirmos no planeamento uma modalidade que tivéssemos mais dificuldade em dominar.

Por fim, referimos a importância que os resultados da avaliação diagnóstica, no início de cada UD, representam para a planificação e organização das aprendizagens da modalidade de modo a ir ao encontro das necessidades dos alunos.

No final de cada UD foi feita a avaliação sumativa, tendo a avaliação diagnóstica servido como ponto de partida. A exceção foi a UD de Danças Tradicionais, uma vez que a opinião partilhada por todos os professores foi no sentido de não ser necessário, uma vez que os alunos não têm bases na modalidade.

1.2 - Unidades Didáticas

As Unidades Didáticas (UD) de acordo com Bento (2003) “ são partes essenciais do programa de uma disciplina. Constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem”.

Segundo o autor acima citado, as UD, são assim um planeamento a médio prazo, que procuram diagnosticar os conhecimentos e vivências dos alunos, contextualizá-los, de modo a integrarem situações de aprendizagem que conduzam o aluno à construção do seu próprio conhecimento, nos diferentes níveis (cognitivo, psicomotor e socio-efetivo).

Tal como o PA a UD constitui um documento essencial para o bom planeamento.

Esta serve para consulta e guia do próprio professor sendo no entanto mais específica, destinada a uma matéria, com explicitação clara dos conteúdos a abordar, dos objetivos específicos, das progressões a utilizar, das estratégias destinadas à continuação dos objetivos que nos propomos atingir, bem como a sequenciação das aulas que temos disponíveis para lecionar essa matéria, organizando as mesmas com uma função didática específica que vão ao encontro das necessidades dos alunos nos diferentes momentos.

Na elaboração das UD foram tidas em consideração as rotações entre os diferentes espaços desportivos, de acordo com o roulement definido pelo grupo de E.F.

Quando iniciámos a construção das UD decidimos apresentar uma estrutura idêntica no NEEF. Essa estrutura iniciar-se-ia com a contextualização histórica e caracterização da modalidade, o regulamento e regras fundamentais de jogo e de

seguida apresentaríamos as habilidades técnico-táticas e as respectivas componentes críticas. A partir desse ponto cada um seria responsável por adequar a sua UD procurando ir ao encontro do programa estabelecido pelo PNEF segundo o seu nível de ensino.

Nesta lógica seguir-se-iam os recursos disponíveis (materiais, humanos, espaciais e temporais), situações de progressões pedagógicas, as estratégias, a definição de extensão e sequenciação dos conteúdos em função do número de aulas, apresentação de vários métodos de avaliação (diagnóstica, formativa e sumativa) e por fim o balanço final com uma reflexão de todo o trabalho desenvolvido na UD das opções metodológicas utilizadas e da evolução e resultados dos alunos.

Iniciámos todas as UD com a avaliação diagnóstica, procurando verificar o nível de desempenho dos alunos, para, de acordo com o mesmo, definir e planificar a extensão de conteúdos da UD visto que só assim era possível estabelecer objetivos tendo em conta a turma e as necessidades dos alunos.

A UD terminava com a avaliação sumativa e o respectivo balanço final, onde foi aferido se os objetivos inicialmente traçados para a turma foram ou não alcançados e se as estratégias que foram utilizadas foram ou não as mais adequadas. Esta reflexão individual do trabalho realizado tinha como finalidade perceber o que tinha corrido bem e menos bem para fazer correções ou manter os procedimentos.

Inicialmente as nossas dificuldades sentidas na elaboração das UD prenderam-se com a recolha de informações sobre a abordagem às modalidades com menos contacto com a prática, nem experiências que nos permitissem determinar qual a abordagem de ensino para cada um dos conteúdos, sobretudo em modalidades como Atletismo, Ginástica, Danças Tradicionais e Badminton.

Reportando-nos, agora, às UD estas tinham uma característica particular: especificar o exercício para aquela sessão de forma a trabalhar determinada função didática. Isto foi facilitador quer para nós, quer para os professores que nos acompanharam, pois com este método sabiam quais os exercícios que tínhamos planeado para a modalidade no corrente período, dando ajudas e conduzindo-nos de forma a atingir a objetivo final. Todavia, este ano de trabalho serviu para adquirir

experiência sobre o planejamento e realização da prática, assumindo que se se voltasse a repetir sentir-nos-íamos mais capazes do que quando iniciámos.

1.3 - Planos de Aula

De acordo com Bento (2003) “A aula é o verdadeiro ponto de convergência do pensamento e da ação do professor”. A aula de educação física é o “cerne do trabalho pedagógico diário do professor”, isto porque é na aula que se aplicam as suas reflexões e a ação pedagógica. Desta forma os planos de aula surgem com o objetivo de auxiliar o professor na prática pedagógica, onde irão ser postos em prática os objetivos que se estabeleceram previamente, “tendo em atenção a matéria, os pressupostos dos alunos e as condições de ensino, bem como os dados fornecidos pela análise das etapas anteriores na preparação da aula, tem lugar uma precisão dos seus objetivos” (Bento, 2003). Segundo Bossle (2002), “o plano de aula é a unidade básica de planejamento e uma forma detalhada e pormenorizada do planejamento de ensino adaptado e aplicado à sala de aula”.

A elaboração do Plano de Aula deverá ser cuidada, sabendo as tarefas que organizamos, a que devem ir ao encontro, devendo por isso ter uma estruturação simples que permita uma leitura rápida e eficaz.

A estrutura do plano de aula (anexo 3) foi decidida em reunião do NEEF supervisionada pelo orientador Professor Cláudio Sousa, sendo o plano dividido em três partes: parte inicial, parte fundamental e parte final. É sem dúvida a atividade realizada mais vezes, pois corresponde ao número de aulas que o professor leciona no ano letivo.

Para cada plano foi ainda elaborado uma justificação do plano, a qual fundamentava as nossas decisões, onde são justificadas as tarefas que se irão realizar na aula. Cada aula foi devidamente contextualizada na sua U.D contendo por isso a sua função didática e os seus objetivos, para além de toda a informação relativamente aos recursos a mobilizar na aula. Para finalizar o plano era elaborada uma reflexão crítica da aula, descrevendo os vários domínios, as pontes fortes, os menos fortes e o que se podia melhorar no futuro.

Na parte inicial deverá constar um preleção inicial onde deverá ser fornecida ao aluno toda a informação essencial para a aula. É ainda incluído um aquecimento com vista a aumentar a temperatura corporal e também adaptação ao esforço para a parte

fundamental da aula. Sempre que possível no aquecimento houve a preocupação de planejar exercícios que motivassem os alunos mantendo-os empenhados e interessados.

Na parte fundamental são expostos os conteúdos definidos e é a parte da aula que contém o maior empenhamento motor, seguindo o princípio simples para o complexo, permitindo uma sequência lógica de progressão, visando sempre o objetivo da aula. Aqui, os exercícios vão desde analítico/critério ou de superioridade numérica, jogo ou sequência, conforme o objetivo da aula.

Na parte final da aula procedia-se ao retorno à calma (exercícios de alongamentos) e privilegiava-se o diálogo com os alunos, com vista a um balanço da aula, revisão de conteúdos e objetivos da mesma, utilizando a estratégia de questionamento e por fim, fazia-se sempre a extensão de conteúdos para a aula seguinte. Esta estratégia reflexiva com a turma vai ao encontro do que Bento (1998) citado por Gomes (2004) nos diz quando afirma que “o professor deverá ainda proceder a um balanço, onde realiza uma avaliação da sessão, do que correu bem e mal e faz uma ligação com as aulas seguintes”

É importante referir que qualquer plano de aula pode sofrer alterações sem que estejamos à espera devido às condições climáticas, ao facto de os alunos não comparecerem como previsto e ainda se o espaço de aula estiver a ser dividido com outra turma. Tudo isso leva a um ajustamento por parte do professor na organização da aula e dos exercícios planeados.

A elaboração dos planos de aula do ano letivo exigiu um grande dispêndio de tempo e queremos salientar que inicialmente tivemos alguma dificuldade no planeamento dos exercícios, nomeadamente na gestão da duração do mesmo. A explicação e a demonstração foi outra dificuldade que encontramos. Fazia-nos perder muito tempo de aula. Uma das estratégias para melhorar esta lacuna foi a utilização de meios gráficos.

No entanto consideramos que ao nível de planeamento das aulas tivemos a preocupação de ter uma ordem lógica e uma sequência correta do que preparávamos.

Nas primeiras aulas tivemos alguma dificuldade de adaptação dado o Basquetebol ser uma modalidade que não dominávamos bem. Sentíamos que não era dado o devido foco à aula, perdendo a essência da mesma, devido ao facto, de nos preocuparmos mais

com os comportamentos dos alunos do que com o objetivo geral estabelecido. Muitas vezes quando queríamos trabalhar um determinado conteúdo os nossos feedbacks não iam ao encontro do mesmo, o que nos deixava algo frustrados e apreensivos. Todavia, fomos adaptando e nas UD seguintes, já elaborávamos o Plano de Aula com estratégias e métodos de forma a seguir a linha orientadora que tínhamos traçado.

2 – Realização

Após as tarefas do planeamento, o professor é confrontado com as tarefas de realização do ensino. Esta fase constitui o momento fulcral do processo de ensino/aprendizagem já que, segundo Bento (1987, citado por Quina 2009) “os resultados obtidos pelos alunos dependem grandemente dos acontecimentos que ocorrem nas aulas, daquilo que nelas fizeram o professor e os alunos”.

Segundo Siedentop (1998) “as quatro dimensões do processo ensino-aprendizagem estão presentes em todos os momentos desta relação professor/aluno. Essas dimensões são a Instrução, a Gestão, o Clima e a Disciplina”.

2.1 – Instrução

Siedentop (1998) defende que dentro da dimensão da instrução existem quatro itens: preleção, demonstração, feedback e questionamento.

Ao longo deste estágio, no que concerne à instrução inicial procurámos ser sempre objetivos claros, breves e concisos para que o tempo útil da aula gasto em instrução fosse minimizado, de modo a promover em elevado empenhamento motor dos alunos comunicando com os mesmos num tom de voz audível de maneira a captar a sua atenção de forma a dar mais ênfase à nossa mensagem. Era também na instrução inicial que revelávamos aos alunos os conteúdos a desenvolver durante a sessão, contextualizando-os com os conteúdos abordados nas aulas anteriores e que explicávamos as principais tarefas da aula e os objetivos da mesma. Pode-se verificar que damos muita importância à instrução inicial da aula, uma vez que consideramos que é aqui que a aula começa e que queremos envolver os alunos no processo de aprendizagem, sensibilizando-os e focando-os para a aula, tal como refere Bento (2003).

No que diz respeito às demonstrações foram feitas na sua grande maioria pelo professor, no entanto houve momentos ao longo do ano, em que foram utilizados alguns alunos como “agentes de ensino”. Quando realizávamos demonstrações de exercícios em grupo perguntávamos sempre quem gostaria de executar e enquanto realizávamos a demonstração explicava-a verbalmente. Durante as demonstrações tínhamos sempre a preocupação de colocar o modelo no campo de visão dos alunos. No final das demonstrações fazíamos o questionamento para saber se todos tinham compreendido o exercício mas percebíamos que a maior parte das vezes os alunos diziam sim sem perceberem.

A utilização de cartazes ilustrativos e vídeos foram recorrentes, principalmente nas UD de Ginástica de Solo/Aparelhos, Atletismo e Danças tradicionais. Podemos também revelar que no início da UD de Danças Tradicionais, foram utilizados vídeos pedagógicos, relacionados com a matéria em questão, uma vez que os alunos nunca tinham tido qualquer contato com a modalidade, procurando desta feita promover-lhes uma primeira impressão da matéria assim como permitir uma melhor contextualização.

Em relação ao feedback pedagógico sendo um dos pontos fulcrais no processo ensino-aprendizagem, é o ponto de união entre dois fenómenos complementares: a aprendizagem e o ensino (Piéron, 1999).

De acordo com Carlos (1995), “o feedback pedagógico é um instrumento que o professor utiliza para veicular a informação aos seus alunos, e assim poder influenciar todas as suas aprendizagens, constituindo-se como um poderoso acto de comunicação e ensino”.

Ao longo do estágio existiu uma preocupação em fornecer uma grande quantidade de feedback de forma equitativa, diversificada e com valor pedagógico. Facultar informação ajustada e apropriada à resolução dos problemas dos alunos não é uma tarefa fácil. No início do ano, o nosso feedback era essencialmente corretivo e pouco descritivo. O reforço positivo foi sempre tido como o mais importante em detrimento do negativo, garantindo um aumento da motivação e autoconfiança da turma. Com o decorrer do ano aprendemos a direcionar feedbacks e correções de modo individualizado, procurando utilizar feedbacks mais descritivos/prescritivos completando com demonstrações. Em muitas situações, fomos recorrendo ao feedback corretivo, onde não tínhamos de ser necessariamente negativos, fornecendo feedbacks

positivos de aspetos que estavam a ser bem realizados, fortalecendo o clima de aprendizagem e motivando os alunos para a prática. Quando bem utilizado o feedback é um fator importante na aprendizagem do aluno, que muitas vezes dita a evolução deste num determinado conteúdo ou habilidade técnica. No que concerne á nossa atuação neste campo, penso que fomos grande parte das vezes assertivos, dando bons feedbacks aos alunos que os fizeram avançar para outros patamares.

Uma dificuldade bastante evidente numa fase inicial do estágio remete ao fecho do ciclo de feedback e de auxiliar todos os alunos em simultâneo. *O professor não consegue estar em todo lado ao mesmo tempo.* Esta afirmação mostra que devemos sempre ajudar um aluno ou grupo de cada vez garantindo que a informação cumpre a sua missão ou seja fechar o ciclo de feedback, pois de outra forma, acabamos por perder o controlo da aula e a eficácia do ensino. Assim desenvolvemos algumas estratégias que facilitavam todo este processo.

Definimos sempre objetivos claros de ações que pretendíamos ver a ocorrer: cingir-nos a um número reduzido de objetivos e mantê-los bem claros. Isto facilita a observação da aula, assim como permite um estudo prévio de possíveis soluções para situações específicas, possibilitando desta forma enriquecer o conteúdo de cada feedback fornecido à turma.

Por último o questionamento. Podemos referir que foi recorrente a sua utilização, com diversos objetivos: fazer uma revisão de aulas anteriores, recolher informações das aprendizagens dos alunos (avaliação formativa) e também desenvolver o espírito reflexivo dos mesmos.

Somos da opinião que o questionamento é uma ferramenta importante para o professor, uma vez que permite tornar os alunos mais ativos na construção das suas aprendizagens, o que consequentemente resulta numa melhor aquisição de conhecimentos.

2.2 – Estilos de Ensino

De acordo com Nobre (2017) “os estilos de ensino que integram o espectro definido por Mosston e Ashworth (1986,2008) estão organizados de acordo com o grau de partilha de decisão, iniciando com estilos em que a decisão se centra no professor e evoluindo para estilos cuja decisão se centra no aluno”.

Enquanto estagiários, optámos desde cedo por atribuir maior preponderância a estilos com menor autonomia dos alunos, nomeadamente o estilo de ensino por comando e por tarefa aos quais recorreremos mais frequentemente ao longo deste ano letivo. O estilo de ensino por comando foi o que teve uma maior preponderância ao longo das aulas, pois é o mais indicado e fulcral para garantir o controlo da turma. Este estilo permite manter o grupo de alunos organizado, promovendo um alto empenho na tarefa.

O estilo de ensino por tarefas permitiu-nos orientar o aluno para a prática das habilidades pretendidas e dar tempo para trabalhar individualmente (prática independente) possibilitando elevados índices de empenhamento motor (repetição). Este estilo concede mais independência aos alunos, possibilitando ao professor o fornecimento de feedback mais individualizado ou em pequenos grupos.

Como já referido estes foram os estilos de ensino mais utilizados tendo em conta a nossa inexperiência pedagógica e consideramos que tenha sido a mais adequada, uma vez que Siendentop (1998) também é defensor desta ideia afirmando que “um estilo de ensino torna-se melhor que outro, porque se adequa melhor ao contexto particular e porque satisfaz de uma maneira eficaz as necessidades desse mesmo contexto”

Para além destes estilos mencionados, recorreremos a outros, muito embora com menos interferência, utilizando os estilos de ensino recíproco e inclusivo.

Na UD de Basquetebol, Voleibol e Andebol utilizámos maioritariamente o estilo de ensino por comando e também por tarefas, permitindo uma individualização do ensino, através de situações pedagógicas diferenciadas. Na UD de Atletismo o estilo de ensino por comando foi muitas vezes utilizado, através de uma organização por vagas mas o estilo de ensino por tarefas e inclusivo foi também utilizado por nós em situações nas quais demos alguma independência aos alunos para que pudessem decidir sobre o tempo ou ordem de execução.

Na Ginástica recorreremos bastantes vezes ao ensino por tarefas permitindo a exercitação de diversas habilidades em simultâneo. Para além disso utilizou-se o ensino inclusivo através da criação de níveis (progressões pedagógicas).

Na Dança e no Futsal utilizámos, para além dos anteriores, também o estilo de ensino recíproco e o inclusivo, no qual fornecemos mais responsabilidade aos alunos.

Segundo Nobre (2017) “O ensino recíproco caracteriza-se pelo trabalho a pares, de um aluno com um parceiro, a quem fornece feedback de acordo com os critérios preparados pelo professor. Este estilo permite uma participação mais activa do aluno, nomeadamente nos vetores cognitivo e social”.

Durante o estágio percebemos que o estilo de ensino com o qual os alunos sentem que aprendem melhor é o estilo de ensino por comando.

O estilo de ensino por comando, o mais utilizado por nós, é, também, o mais utilizado pelos professores de Educação Física que querem garantir o controlo dos seus alunos. Este estilo de ensino remete para a técnica de instrução directa, na qual o professor é o protagonista do processo de ensino/aprendizagem, e o aluno limita-se a escutar e cumprir o proposto pelo anterior. Apesar de ser uma técnica mais rápida e eficiente para a aprendizagem dos conteúdos, dificulta o processo de individualização do ensino dado o papel passivo do aluno no decorrer do processo.

O estilo de ensino por tarefa, assume-se como uma ponte dos estilos de ensino com pouca ou nenhuma autonomia dos alunos para os estilos de ensino nos quais o processo de ensino e aprendizagem é maioritariamente gerido por estes. Para a aplicação deste estilo de ensino é necessário o professor saber que pode oferecer aos alunos alguma autonomia no trabalho, e é necessário que os alunos apresentem capacidades cognitivas e comportamentais para que possam usufruir do mesmo sem colocar em causa as aprendizagens previstas.

O estilo de ensino recíproco e inclusivo, contrariamente ao estilo de ensino por comando, oferece aos alunos um grau de autonomia e liberdade no processo de ensino/aprendizagem muito superior, e assume-se como o mais utilizado em turmas heterogéneas, pelo seu poder de individualização e adaptação das aprendizagens a cada aluno ou grupo de alunos. Para a aplicação deste estilo de ensino, não é suficiente apenas o compromisso dos alunos para com o professor e as suas aprendizagens, mas também a aceitação do conceito de individualização e autonomia por parte do professor.

Nas UD's de Basquetebol, Voleibol e Andebol foi utilizada o estilo de ensino por comando. Na nossa perspectiva é aquele que melhor se adequa e com o qual se obtêm melhores resultados. Foi utilizado sobretudo nas aulas de introdução de conteúdos, permitindo uma prática orientada na qual os alunos realizam as tarefas de forma exata à

ordem do professor aumentando a assimilação dos mesmos alcançando progressos rápidos e consistentes.

No estilo de ensino por tarefas destaca-se a implementação de estações de exercícios de execução dos gestos técnicos de forma isolada. Forma utilizadas principalmente durante as UD de Ginástica e de Atletismo.

2.3 - Gestão

De acordo com Piéron (1996) “a falta de organização gera perdas de tempo, tempo esse que pode ser aproveitado para a exercitação por conseguinte, para a aprendizagem da matéria de ensino”.

A dimensão da gestão pedagógica refere-se à forma como o tempo da aula é organizado no que respeita à duração dos exercícios, das instruções, das transições entre exercícios e da organização de grupos.

A nossa capacidade de gestão da aula prende-se com um bom planeamento e também com a nossa capacidade de fluidez na instrução.

A condução de ensino está inteiramente relacionada com o planeamento, e um bom planeamento deve influenciar positivamente a lecionação, e conseqüentemente o processo ensino-aprendizagem. A definição de uma rotina organizativa e manutenção de uma estrutura de aula foi das nossas primeiras preocupações na lecionação nas nossas turmas. Para ultrapassarmos essas dificuldades definimos um conjunto de estratégias, entre quais a elaboração de um bom planeamento e a preparação antecipada da aula. O planeamento foi uma ferramenta essencial para combater esta dificuldade. Neste sentido as aulas foram planeadas previamente. Assim, houve sempre a definição de objetivos, estruturação da aula (instrução inicial, aquecimento, parte fundamental, parte final e balanço), e planeamento das tarefas (formação de grupos). Por outro lado o facto de chegar antecipadamente à aula e preparar os materiais e as tarefas, foram também factores que contribuíram para uma boa gestão de aula. O estabelecimento de regras e rotinas de aula foram rapidamente implementados e compreendidos pelos alunos.

2.4 – Clima de aula/Disciplina

De acordo com Domingos (1995) “o controlo disciplinar é o conjunto de todas as atividades que visam exercer alguma espécie de influência sobre o comportamento dos alunos, procurando ajustá-los àquilo que é, para cada professor e para os professores em cada escola, considerado como padrão de «comportamento aceitável» ”.

De acordo com Siendentop (1998) “ ...a disciplina é importante porque os alunos aprendem melhor numa turma disciplinada. Não há nenhuma dúvida que um sistema de organização eficaz e boas estratégias disciplinares criam uma atmosfera na qual é mais fácil aprender”

Devemos referir que consideramos esta dimensão pedagógica a mais desafiante, uma vez que são os alunos o alvo do processo de ensino aprendizagem, e que o seu comportamento e atitude perante o mesmo são bastante condicionadores da qualidade das aulas. Assim era das dimensões que mais nos preocupava no início, e sabíamos que teria um papel fundamental na postura que poderia ser assumida na aula. No entanto esta dimensão não constituiu um problema das nossas intervenções pedagógicas, tendo sido o comportamento da turma de maneira geral e global adequado às situações, fruto das regras pré-definidas e da nossa exigência enquanto professores estagiários como consequência do esforço, dedicação e atenção dispensados no planeamento das aulas.

2.5 – Decisões de ajustamento

Apesar do nosso cuidadoso e rigoroso planeamento, houve algumas situações, que por diversas razões nos forçaram a ter de proceder a modificações, ajustando assim as tarefas às necessidades dos alunos.

Ao longo das aulas, foram poucas as situações em que tivemos de efetuar ajustamentos. Ainda assim, quando foram necessários, foram devidos essencialmente a imprevistos ou lacunas detetadas, como por exemplo, recursos materiais, espaciais, número reduzido de alunos ou condições climatéricas desfavoráveis.

Consideramos que as decisões de ajustamento efetuadas durante o ano letivo foram bem adequadas à realidade, revelando capacidade de adaptação da nossa parte.

3 – Avaliação

A avaliação é uma recolha de dados sistemática de informação sobre o qual se pode formular um juízo de valor que facilite a tomada de decisão. A avaliação define, em muitos sentidos, o percurso escolar dos alunos. A importância da avaliação é confirmada por vários estudos, que mostram que a mesma ocupa uma grande parte do tempo e esforço de alunos e professores, salientando que aquilo que é valorizado e avaliado na escola vai influenciar não só os resultados escolares dos alunos, mas também a sua motivação, auto-conceito, hábitos de estudo e estilos de aprendizagem.

Como refere Nobre (2015) “Avaliar as aprendizagens constitui uma competência profissional dos professores e uma exigência social”

Na nossa opinião, a avaliação é de extrema importância em cada matéria lecionada, pois é um instrumento que reflete o trabalho desenvolvido pelo aluno em cada matéria ao longo do período ou do ano letivo.

Segundo Ribeiro (1999),” as avaliações a que o professor procede enquadram-se em três grandes tipos: avaliação diagnóstica, formativa e sumativa”, sendo que cada um dos tipos de avaliação tem uma função específica, complementar das restantes, constituindo assim, um conjunto indispensável ao professor.

3.1 – Avaliação Diagnóstica

Para Ribeiro e Ribeiro (1990, pp. 342) “a avaliação diagnóstica (AD) tem como principal função analisar os conhecimentos e aptidões de um aluno de forma a iniciar as aprendizagens de uma determinada matéria”.

A avaliação diagnóstica assume elevada relevância no início de cada UD e como tal, Ribeiro (1999) revela três grandes vantagens sendo estas a possibilidade de recorrer a ações de recuperação ou remediação para a aprendizagem de conteúdos que ainda não se encontram consolidados e são necessários para a prática da modalidade, realização de grupos de nível dentro de cada turma podendo assim adaptar os conteúdos e a forma de os lecionar consoante a necessidade de cada grupo e ainda identificar no decorrer da unidade didática possíveis causas de insucesso. A avaliação diagnóstica era realizada na primeira aula da UD. Por vezes e por dificuldades de vária ordem tinha que ser prolongada para a segunda aula.

Para a AD utilizámos grelhas de recolha de dados para cada modalidade (anexo 4) de fácil consulta, baseadas em critérios estabelecidos pelo grupo disciplinar de Educação Física, adaptadas consoante o que este considerava essencial observar, realizando a recolha de dados através de uma escala de 1 a 3 (1 - Não executa; 2- Executa; 3 – Executa bem) de forma a conseguir observar e rapidamente registar os dados. Nas modalidades de Voleibol, Andebol, Futsal e Badminton, instruímos os alunos para que estes realizassem jogo reduzido, podendo assim retirar os dados não apenas relativamente aos gestos técnicos, mas também às opções táticas. Na Ginástica de Solo, optámos por iniciar a aula com elementos gímnicos. Posteriormente foi dada a possibilidade aos alunos de escolherem grupos de trabalho para a realização de uma sequência gímica, aproveitando esse momento para a recolha de dados. O Basquetebol foi a matéria na qual a avaliação diagnóstica foi mais complicada uma vez que se tratava da primeira UD a ser lecionada e na primeira aula do ano letivo ainda não sabermos os nomes dos alunos e serem muitos gestos técnicos para avaliar ao mesmo tempo.

Após a AD procedíamos à divisão dos alunos por grupos de nível, identificando as maiores dificuldades reveladas, as metas a atingir por cada grupo e as estratégias que considerávamos mais adequadas de forma a cumprir os seus objetivos.

O principal objetivo da AD consiste em recolher informações acerca dos conhecimentos e aptidões que cada aluno possui no início da UD. Dessa forma, podemos organizar os alunos em grupos homogéneos ou heterogéneos, conforme o nosso objetivo. Embora tivéssemos algumas dificuldades para fazer a recolha de dados, não só pela inexperiência que tínhamos na área da avaliação, onde ao mesmo tempo que avaliávamos um aluno ou um grupo de alunos tínhamos que fazer o controlo de toda a turma, mas também porque não conhecíamos os alunos e isso dificultava o trabalho, a AD serviu-nos para ficarmos com um primeiro conhecimento relativamente aos conhecimentos técnicos e domínios das diferentes matérias a lecionar.

3.2 – Avaliação Formativa

O conceito de Avaliação Formativa (AF) foi introduzido por Scriven (1967) num artigo sobre a avaliação dos meios de ensino, no qual apresentava a avaliação formativa como um conjunto de “processos que permitiam a reformulação dos próprios na experimentação e decorrer de um novo currículo”. Posteriormente, Bloom (1971)

apresenta a definição do mesmo conceito, definindo-o agora como um conjunto de “processos aos quais o professor recorre de forma a adaptar a sua intervenção pedagógica consoante as dificuldades na aprendizagem e progressos dos alunos”.

Segundo o Decreto Lei nº139/2012 a avaliação formativa “assume caráter contínuo e sistemático, recorre a uma variedade de instrumentos de recolha de informação adequados à diversidade da aprendizagem e às circunstâncias em que ocorrem”, permitindo gerar medidas pedagógicas adequadas às características dos alunos e às aprendizagens a desenvolver.

Para além dos aspetos específicos de cada modalidade foram contemplados aspetos mais relativos às atitudes, como a responsabilidade, motivação, cooperação e empenho que se refletem no comportamento do aluno em termos de pontualidade, assiduidade e participação nas aulas. São, também, contemplados os aspetos relativos às competências do conhecimento, como o reconhecimento de regras de segurança do equipamento e material e das componentes críticas dos vários elementos. Este tipo de avaliação foi realizado de forma informal, sem dias marcados e recorrendo essencialmente ao questionamento durante as aulas (anexo 5). Foi realizada também de forma contínua através de observação direta, da elaboração de relatórios de aulas pelos alunos dispensados, com falta de material ou outro tipo de justificação.

No entanto a maior vantagem deste tipo de avaliação era, no final de cada UD, tornar a avaliação sumativa numa confirmação dos dados recolhidos no decorrer da mesma de forma sólida restando assim poucas ou nenhuma dúvidas na classificação mais justa para cada aluno.

Podemos afirmar que a “intenção fundamental da avaliação formativa é melhorar e aperfeiçoar o processo de quem avalia” (Nobre,2015).

Esta avaliação permitiu-nos ainda planear as aulas de forma a irem ao encontro das necessidades dos alunos para que estes pudessem atingir o sucesso.

3.3 - Avaliação Sumativa

Para Ribeiro (1990), “a avaliação sumativa diz respeito a uma valoração dos produtos ou processos terminados pelo aluno no fim de uma unidade de aprendizagem, com o intuito de aferir resultados, ou seja, determinar o valor do processo terminado,

não esquecendo os resultados já recolhidos nos restantes momentos de avaliação, obtendo desta forma indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino”.

Segundo Haydt, (2002) “ a avaliação sumativa é a soma de todas as avaliações realizadas em cada unidade didática, com o objetivo de obter um quadro geral da evolução do aluno. Permite ao professor classificar os alunos de acordo com os níveis de aproveitamento. É realizada ao final da unidade didática, ou período letivo de acordo com os critérios previamente impostos ou negociados”

Assim esta avaliação sumativa foi feita nas últimas aulas de cada UD de cada período e, por fim, no final do ano letivo, na qual se classificaram os alunos de acordo com os critérios de avaliação definidos pelo Grupo de EF devidamente aprovados no Conselho Pedagógico. Esta teve como objetivo verificar a evolução dos alunos nas aprendizagens e na consolidação dos conhecimentos de modo a ser atribuída uma classificação.

Para avaliar o domínio psicomotor, foram construídas grelhas para cada UD abordada onde se incluíam os respectivos gestos técnico-táticos em situações analíticas e em situações de jogo (anexo 6). Os conteúdos selecionados para essas grelhas iam ao encontro do que está previsto no PNEF, ajustados aos objetivos definidos para a turma e os alunos eram avaliados segundo 5 parâmetros (1 – Não executa; 2 – Executa com muita dificuldade; 3 – Executa com dificuldade; 4 – Executa; 5 – Executa muito bem).

Durante estes momentos sentimos por vezes algumas dificuldades, nomeadamente na elaboração das diversas grelhas, que nos permitisse, da forma justa e objetiva, realizar a avaliação sumativa permitindo atribuir aos alunos os respectivos níveis de avaliação.

Outro aspeto que registamos foi que não é uma tarefa fácil conseguir justiça e rigor na avaliação dos alunos durante apenas uma aula. Em algumas situações tivemos a necessidade de concluir a Avaliação Sumativa (AS) na aula seguinte. Assim, concluímos que é importante a recolha de dados da AF, pois consideramos que o aluno não é exatamente aquilo que demonstra na aula final, mas sim tudo aquilo que demonstrou ao longo da UD.

A avaliação do domínio cognitivo foi realizada através de questionamentos sobre a matéria durante as aulas e por uma componente escrita sobre as modalidades abordadas ao longo do ano. Foi realizado um teste de avaliação nos 1º, 2º e 3º Períodos.

A avaliação do domínio sócio – afetivo é centrada na responsabilidade, pontualidade, assiduidade, faltas de material, empenho, participação e comportamento.

Nesta avaliação sentimos que é necessário definir de forma bastante cuidada e clara os diferentes critérios de avaliação, bem como garantir o máximo rigor na sua aplicação.

A nossa maior dificuldade foi em atribuir valores quantitativos pois era de extrema importância diferenciar alguns alunos com níveis de aptidão semelhantes. Esta dificuldade foi diminuindo com o ganho de experiências enquanto docentes.

No fim de cada período foi pedido que os alunos preenchessem uma ficha de autoavaliação (anexo 7) fazendo assim com que os alunos realizassem uma reflexão relativamente ao trabalho desenvolvido.

Através desta avaliação, pretende-se não só informar a comunidade escolar relativamente à eficácia na ação pedagógica produzida pelos docentes mas também informar o aluno sobre a qualidade do seu desempenho quer cognitivo, motor, escolar ou desportivo, tendo sempre em consideração os objetivos previamente estipulados.

Apesar das dificuldades sempre inerentes ao processo de avaliação, consideramos que foi uma boa experiência, tendo os resultados obtidos sido satisfatórios.

4 – Aprendizagens realizadas

O ano de estágio foi sem dúvida um ano de grandes aprendizagens ao nível da Educação Física e ao nível do que é ser professor. Foi um ano muito gratificante, pois o facto de podermos ter contactado com praticamente toda a comunidade escolar, permitiu-nos grande crescimento não só a nível profissional mas também, e principalmente a nível pessoal. Foi de facto uma experiência muito enriquecedora, da qual retirámos várias aprendizagens, sabendo melhor, neste momento, o que é ser professor.

Ao nível da Intervenção Pedagógica houve um grande número de aprendizagens e uma evolução ao longo do ano letivo. Apesar da nossa inexperiência no âmbito da leccionação de Educação Física foi possível passar a um nível satisfatório para a prática da mesma. Relativamente à dimensão instrução houve no início algumas dificuldades, visto que com a constante preocupação na organização e disciplina dos alunos, não soubemos inicialmente dirigir o discurso aos alunos de forma sucinta e completa. Com o passar do tempo e das aulas que íamos leccionando, iam desaparecendo alguns erros e surgindo estratégias para rapidamente concentrar a atenção de toda a turma e transmitir toda a informação pretendida de forma simples e resumida.

Em relação à organização dos exercícios da aula, o que no início era simplesmente uma compilação de tarefas em sequência e em progressão, passou a sê-lo de forma mais económica não mexendo na estrutura do espaço da aula, realizando variantes de um exercício geral. Este tipo de medidas aumentou grandemente o tempo de empenhamento motor dos alunos pois não foi perdido tempo em reestruturar todo o espaço e também por vezes nem tempo se perdia na instrução, visto que, não alterando a estrutura, a instrução era dada com os alunos no mesmo local.

Em relação ao clima e à disciplina, conseguimos manter uma relação com os alunos bastante saudável, mantendo igualmente o distanciamento necessário entre professor/aluno. Esta aprendizagem permitiu claramente desenvolver competências em termos da adequação de situações de aprendizagem no desempenho dos alunos. Em relação á intervenção pedagógica pensamos que alcançamos um bom nível, tendo os meus alunos correspondido e alcançado bons resultados nas avaliações sumativas das modalidades.

5 – Cargo de Assessoria

Durante o EP realizámos assessoria ao cargo de Diretor de turma. De salientar que a diretora de turma nos recebeu com a maior humildade e respeito, demonstrando disponibilidade total para nos ajudar a entender a dinâmica deste cargo. No início do ano letivo acompanhámos os primeiros passos deste cargo tendo estado presentes na primeira reunião de conselho de turma, onde foram delineadas as estratégias para a turma. Após esta primeira reunião seguiu-se a reunião de receção aos Encarregados de

Educação, onde a Diretora de turma em conjunto com o seu assessor, transmitiu as informações sobre o ano que está a começar. Após esta receção, iniciaram-se as atividades letivas e começaram a cumprir-se os objetivos que estavam estipulados no projeto, por nós elaborado, para este cargo de assessoria.

Sendo assim, todas as terças feiras reunia com a Diretora de turma afim de organizar o dossier de turma, colocar as faltas dos alunos na plataforma da escola, comunicar com os Encarregados de Educação caso os seus educandos tivessem excedido o número de faltas, ou estivessem lá perto, a alguma disciplina. A receção aos encarregados de educação que, por estar marcada para as quintas-feiras coincidia com uma das nossas aulas, não podia contar com a nossa presença.

Com esta assessoria realizada no EP, percebemos a forma como o Diretor de Turma deve atuar bem como a sua relação com os Encarregados de Educação com vista a melhorar o desempenho dos alunos. Percebemos também as tarefas que devem ser realizadas durante este cargo, como por exemplo o controlo e justificação das faltas, organização do dossier de turma, a comunicação com os Encarregados de Educação e a forma como devem ser conduzidas as reuniões de diretores de turma e conselho de docentes. O acompanhamento por nós realizado ao longo do EP foi bastante benéfico pois observámos que numa escola existem outras tarefas para além da lecionação das aulas. Este papel de Diretor de turma, exige um controlo contínuo da turma com o objetivo de estar sempre a par das situações individuais de cada aluno.

6 – Projeto e Parcerias

Ao longo do EP, realizaram-se dois eventos, o Fair Play e o Dia Mundial da Criança. O Torneio de Fair Play consistia na conjugação de cinco modalidades, sendo elas o Futebol, Basquetebol, Voleibol, Tração à Corda e Fair Play. Durante os três dias do torneio os alunos da escola mobilizaram-se com as suas equipas para participar. O vencedor seria a equipa que somasse mais pontos no conjunto de todas as modalidades. Para este torneio realizaram-se cartazes para dispor na escola com a informação destinada aos alunos, onde eram transmitidas as informações para a participação no mesmo. Tal como o seu nome indica, “Fair Play”, os alunos com excesso de faltas ou processos disciplinares não poderiam participar. Estes três dias de torneio foram

bastante dinâmicos e aumentaram a relação entre nós e os docentes do grupo de EF pois estávamos todos a trabalhar em conjunto durante o torneio e assim foi possível melhorar o nosso relacionamento que já era bastante satisfatório.

No evento do Dia Mundial da Criança, que se realizou no dia 1 de junho de 2018, primeiramente começámos a perceber o número de alunos previstos para o evento junto da coordenadora do 1º Ciclo do Agrupamento, sendo que este evento contou com 720 crianças. Para este evento contactámos com o Professor João Teixeira a fim de serem colocados insufláveis no evento, contactámos com o Professor Nuno Brito a fim de ser colocado o sistema de som para a atividade e estabelecemos contacto com o responsável do curso de cozinha do agrupamento com o objetivo de que os seus alunos fizessem bolachas e aplicassem as respetivas fitas que iriam servir de medalhas para os alunos. Todas estas decisões foram partilhadas e aceites pelo Diretor do Agrupamento.

Com o objetivo de assinalar este Evento foi dado a cada Escola um Kit desportivo. Este Kit foi decidido e aceite pelo diretor de agrupamento e elaborado pelo núcleo de estágio.

Em relação às atividades realizadas no dia do evento, estas foram decididas pelo núcleo de estágio, bem como a distribuição dos alunos por cada estação de atividades. Este evento contou também com a participação das turmas do 10º A, 10º D, 10º I e 12º O que se disponibilizaram a ajudar nas diversas estações.

A pouca disponibilidade de alguns estagiários, devido às suas atividades profissionais, dificultou um pouco a preparação dos dois eventos. Contudo, na nossa opinião, os dois eventos correram bastante bem e enriqueceram ainda mais a nossa experiência enquanto futuros professores.

Com estes eventos por nós dinamizados, aprendemos que a colaboração entre colegas é um dado fundamental para a realização dos mesmos. É bastante importante que exista uma boa distribuição das tarefas entre todos os colegas para que o evento decorra nas melhores condições.

No que diz respeito às aprendizagens realizadas foi bastante interessante ver a evolução que se verificou na organização e realização dos eventos. Tanto na organização do Torneio de Fair-Play como no Dia Mundial da Criança, conseguimos, ser bastante metódicos na organização, planeamento e realização das atividades. Foi

tudo pensado com o tempo necessário, não tendo ficado nenhum aspecto por decidir. Compreendemos agora as necessidades exigidas para a preparação de um evento escolar, os cuidados a ter, os prazos a cumprir e as demais tarefas a executar.

7 – Ética profissional

Segundo o Decreto-Lei n.º 240/2001 de 30 de Agosto, o professor apresenta um papel fundamental na escola, assumindo um papel de profissional da educação. Este promove aprendizagens curriculares, orientando a sua prática para a produção e uso de diversos saberes, integrados e orientados para a função específica que é ensinar.

Segundo Caetano e Silva (2009), fala-se de ética no desempenho da profissão docente porque o professor deve agir na observância de um conjunto de princípios de natureza moral e porque se espera que este recorra a uma estratégia, desenvolva um método e disponha de recursos para promover a formação ética dos alunos. Assim, “ser professor ... obriga a um modo particular de ser e de estar” (Silva, 1994).

Como futuros docentes, consideramos que tenha de existir sempre uma coerência profissional, social e ética. Estas três dimensões traduzem-se no desenvolvimento Ensino – Aprendizagem (E-A), a participação na escola e a relação com a comunidade escolar.

Durante o EP, procurámos sempre ter uma conduta baseada nos valores sociais e morais, exercendo a atividade enquanto professores com responsabilidade e respeito por todos os intervenientes no processo de E-A, procurando incutir nos alunos os mesmos valores.

Ao longo do EP demonstrámos sempre uma atitude humilde e responsável, desempenhando todas as tarefas que nos foram propostas e promovendo sempre uma relação harmoniosa com os demais docentes da escola.

Como forma de superação das nossas dificuldades procurámos sempre ajuda, tanto junto do orientador como dos docentes da escola com o intuito de superar as dificuldades sentidas.

Devido a estarmos a trabalhar e a estudar ao mesmo tempo, por vezes existiu alguma dificuldade em conciliar as duas atividades. Contudo penso que, para o tempo que tínhamos, demonstrámos uma boa dinâmica e empenho nas tarefas que nos foram propostas.

Com o objetivo de estarmos sempre em formação continua, durante o EP participamos na ação de formação de “programa Fit Escola” (setembro de 2017), na ação de formação de “gira volei” (outubro de 2017), nas IV jornadas (solidárias) científico-pedagógicas (março de 2018), na 7ª Oficina de Ideias em Educação Física” e ainda no “VII Fórum Internacional das Ciências da Educação Física” (abril de 2018).

CAPÍTULO 3 - TEMA /PROBLEMA

Introdução

A abordagem a este tema/problema surge no âmbito do Estágio Pedagógico, inserido no segundo ano do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

O tema selecionado foi “ O uso do estilo de ensino e a motivação nas aulas de Futsal” definido em reunião do NEEF da ESEAD em conjunto com o orientador Professor Doutor Paulo Nobre.

O desenvolvimento do processo de ensino, de acordo com Nobre (2017) exige um conjunto de decisões que incluem “o que se pretende que os alunos aprendam, que metodologias podem ser adotadas para atingir os propósitos definidos, que sequência de aula adotar, como organizar os recursos e o grupo de alunos, como motivar e como lhes dar informação de retorno”

Neste sentido, a definição dos estilos de ensino pode ter um papel fundamental na motivação dos alunos. Este estudo procura dar a compreender o efeito do estilo de ensino recíproco na motivação dos alunos.

Para o efeito, partimos da seguinte questão: será que o estilo de ensino recíproco tem influência na motivação dos alunos?

Este estudo encontra-se estruturado em seis pontos:

No ponto um, é feita uma revisão de literatura, sobre motivação e os estilos de ensino.

No ponto dois é feita a apresentação da pertinência do estudo, através da formulação do problema e da definição de objetivos.

O ponto três diz respeito às opções metodológicas e estratégias a adotar na realização do estudo. Nela serão apresentadas as principais características da amostra, seguindo-se a caracterização do instrumento e os procedimentos.

No ponto quatro serão apresentados os resultados obtidos.

No ponto cinco, será feita a discussão de resultados.

No ponto seis serão feitas as considerações finais.

1 – REVISÃO DE LITERATURA

Para melhor compreendermos o contexto deste trabalho de investigação iremos, neste capítulo, fazer uma pequena revisão de literatura sobre a motivação dos alunos e os estilos de ensino.

1.1 Motivação

Vários são os autores que têm pensamentos relativamente à motivação, no entanto observamos com clareza o facto de o conceito de motivação ser abordado de formas muito diversas e por vezes divergentes. Esta diversidade concetual pode ser, de alguma forma, sintomática da complexidade invocada pela temática (Todorov, J. & Moreira, 2005) tornando-se necessário, no nosso entender, aprofundar ainda mais a investigação que tem vindo a ser conduzida neste campo de conhecimento.

A motivação traduz-se em motivos, fatores, razões pelas quais o cérebro reage. Constitui-se, portanto, um “input”, ou seja, remete a estímulos que se irão traduzir numa reação, considerada “output”, sendo essas duas condições indispensáveis para alcançar um objetivo. Os estímulos que determinam motivação podem, assim, ser de origem intrínseca ou extrínseca. Karageorghis & Terry, (2011), referem que de um modo geral, a motivação pode vir de fora, ou seja, motivação extrínseca - como por exemplo a motivação para ganhar medalhas ou receber prémios financeiros. Por outro lado, existem os atletas que participam porque acham o desporto interessante, estimulante e agradável sem estarem preocupados com recompensas externas, têm uma motivação intrínseca

Nunes (1995), refere que uma das grandes dificuldades do professor consiste em saber quais os motivos ou motivo que levaram o aluno a atuar, no entanto há que saber diferenciar motivo de motivação. São dois conceitos diferentes sendo que o motivo é o que leva a determinada coisa, ou seja, características relativas, estáveis e individuais que levam o indivíduo a pôr os motivos em prática, já a motivação é o comportamento que leva os indivíduos a pôr os motivos em prática, numa dada situação.

No ponto de vista pedagógico, motivar é quando se fornece um motivo para a aprendizagem, ou seja, estimular no aluno a vontade de aprender, visto que os alunos só aprendem quando têm algum motivo ou interesse em assimilar novos conhecimentos. Neste ponto, o professor tem uma função bastante importante visto ser ele quem tem de guiar, orientar e estimular os interesses dos alunos. Segundo Correia, (1993), a motivação é a condição necessária para que exista aprendizagem. Ela é o resultado de diferentes valores e objetivos que foram aprendidos na relação com os outros e com o meio.

O indivíduo está motivado quando deseja realizar alguma ação. E como refere Knijnik (2005), a motivação surge quando existe uma predisposição interna que leva o indivíduo a continuar a ação. Quando o indivíduo tem ações bem-sucedidas existe um aumento de satisfação e conseqüentemente a sua motivação.

Segundo Rocha (2009) o trabalho de investigação que tem sido desenvolvido em psicologia geral e psicologia do desporto têm assumido como foco o estudo da motivação. O mesmo autor considera, aliás, que a temática da motivação se elevou ao estatuto referencial dominante no âmbito da psicologia social e do desporto ao longo das últimas décadas.

Posto isto, tem sido alta a importância que os autores dão à motivação em Educação Física visto que com o decorrer da idade, os níveis de atividade física que os jovens praticam tendem a diminuir cada vez mais. (Corbin, 2004).

Mitchell (1996) e Weiss (1987) têm sugerido que ao garantir que os alunos adotam uma atitude positiva em relação às suas habilidades na educação física, estes venham a aumentar a sua motivação intrínseca. Quando os professores providenciam continuamente experiências onde os alunos têm sucesso, é muito provável que os alunos se apercebam e compreendam que estão a realizar corretamente uma habilidade. Assim, após os alunos sentirem que estão a ter um sucesso consecutivo faz com que tenham uma percepção mais positiva da sua autoestima e também faz com que se sintam menos intimidados por si mesmos.

Na literatura são identificados vários tipos de motivação, nomeadamente intrínseca e extrínseca.

1.2 – Tipos de motivação

Há, no entanto, um traço de unanimidade sempre que se avança com o pressuposto de que a motivação é fortemente impulsionada por um motivo, ou seja, um estímulo, e que esse tem origem em fatores intrínsecos ou extrínsecos. Torna-se, por isso, necessário atentar nesse(s) “motivo(s)”.

O motivo é, assim, resultado de um processo mental, ou seja, assume aqui uma dimensão cognitiva, de base biológica. Para Raposo (1993), por exemplo, os motivos são aprendidos, ou seja, são uma consequência de um processo de aprendizagem que ocorre ao longo da existência de cada sujeito, podendo variar em função do seu enquadramento sociocultural.

As fontes de motivação podem ser classificadas numa tipologia dual: intrínsecas e extrínsecas. A motivação intrínseca diz respeito às recompensas que se originam a partir da atividade em si; a motivação extrínseca, por seu lado, refere-se às recompensas que não são obtidas da atividade, mas entendidas como uma consequência que dela advém.

Para Rocha, C. (2009), a motivação intrínseca tornou-se, assim, um fenómeno relevante para os educadores, já que remete para uma fonte natural de aprendizagem e realização que pode ser sistematicamente catalisada, mas também prejudicada pelos principais agentes de socialização, designadamente pais e educadores (p.27-28).

Em desporto também é usual designar a motivação como o conjunto de fatores internos e externos (intrínsecos e extrínsecos) que influenciam o esforço e a persistência dos comportamentos e que se orientam para um fim ou objetivo. “Poder-se-á, então, dizer que a motivação intrínseca é determinada pelo interesse do indivíduo na execução de uma tarefa, enquanto a motivação extrínseca, essa, é fortemente determinada pelos reforços que são, normalmente, associados aos resultados. Alguns autores defendem que o aluno ao ter conhecimento de um feedback positivo melhora a sua motivação intrínseca. Com isso, os professores que dão um *feedback* geral mais positivo aos alunos, têm mais probabilidade de conseguir que os alunos aumentem a sua motivação intrínseca porque esse comportamento por parte do professor melhora a perceção do aluno quanto à sua competência e ao seu interesse em Educação Física.” A falta de relação entre a compreensão do feedback positivo e a competência, bem como a motivação intrínseca, também é um motivo de interesse. É possível que alunos mais

novos não compreendam quando o professor emite um *feedback* específico (Allen & Howe 1998, Amorose & Horn 2000 e Black & Weiss 1992).

1.3 – Estilos de Ensino

Os estilos de ensino tornaram-se alvo de investigação científica em meados dos anos 60 e desde então apresentaram uma transcendente evolução. O principal alvo desta investigação recai sobre a ainda presente questão de qual a melhor e mais eficaz forma de aplicar os estilos de ensino para um processo de ensino e aprendizagem completo e enriquecedor. Em 1964 Mosston cria um espectro de estilos de ensino que apresenta uma vertente em que o aluno não tem qualquer autonomia, e um oposto no qual o professor apenas regula a aula e o processo de aprendizagem. Este associa a interação do professor com o aluno no processo de tomada de decisões, e de que forma é que estas podem contribuir para uma melhor transmissão de conhecimentos por parte do professor e retenção dos mesmos pelo aluno, criando assim um processo de aprendizagem eficaz.

Em 1969, Muska Mosston e Sara Ashworth fazem pela primeira vez referência ao estilo de ensino inclusivo, considerando a aplicação de tarefas diferenciadas de forma a ajustarem-se às capacidades de cada aluno. Doze anos depois (1981), é redefinido o espectro de Mosston, acrescentando o fator que a escolha e aplicação dos estilos de ensino estão diretamente relacionadas com o comportamento e desempenho dos alunos, reconhecendo ainda que estas - escolha e aplicação dos estilos de ensino - variam também consoante os conteúdos didáticos e o perfil/personalidade do professor.

Uma recente e relevante adaptação do espectro dos estilos de ensino de Muska Mosston foi elaborada por Delgado (1991) nas quais estes são agrupados em seis categorias. Segundo Delgado (1991), toda e qualquer situação de ensino requer a aplicação de um misto de estilos de ensino. A perspetiva de um estilo híbrido, reforça a ideia de que a aplicação dos diferentes estilos depende dos contextos, respondendo a uma lógica situacional, podendo, por isso, considerar-se uma estratégia de ensino.

Os estilos de ensino, se bem aplicados, revelam-se extraordinariamente importantes uma vez que permitem a compreensão da construção da aprendizagem, bem como a adaptação do ensino de forma mais ou menos regulada, potenciando desta forma níveis de aprendizagem mais complexos.

Tal como referido acima, após a redefinição do espectro dos estilos de ensino são agrupados onze estilos de ensino em duas categorias: reprodução do conhecimento encontram-se o ensino por comando, ensino por tarefas, ensino recíproco, ensino com autoavaliação e ensino inclusivo e descoberta e produção do desconhecido encontramos a descoberta guiada, descoberta convergente, produção divergente, programa individual, iniciativa do aluno e autoensino.

Os estilos de ensino que integram o espectro definido por Mosston e Ashworth (1986, 2008) estão organizados de acordo com o grau de partilha de decisão, iniciando com estilos em que a decisão se centra no professor e evoluindo para estilos cuja decisão se centra no aluno. O espectro integra o ensino por comando (A), o ensino por tarefa (B), o ensino recíproco (C), o ensino com autoavaliação (D), o ensino inclusivo (E), o ensino por descoberta guiada (F), o ensino por descoberta convergente (G), o ensino de produção divergente (H), o programa individual desenhado pelo aluno (I), o ensino iniciado pelo aluno (J) e o autoensino (K). Os estilos de (A) a (E) são estilos de reprodução e orientam-se maioritariamente para a reprodução do conhecimento adquirido; os estilos de (F) a (K) são estilos de produção que se orientam para a produção de conhecimento novo pelo aluno. Cada estilo de ensino assume um conjunto de características específicas, potenciando particularmente cada um dos vetores de desenvolvimento.

Dada a relevância para este estudo, será apenas aprofundado o estilo de ensino por recíproco.

Segundo (Nobre, 2017). O ensino recíproco caracteriza-se pelo trabalho em pares, de um aluno com um parceiro, a quem fornece feedback de acordo com critérios preparados pelo professor. O aluno seleciona os papéis de executante e de observador.

O executante desempenha a tarefa e o observador compara o desempenho do colega com os critérios e dá-lhe feedback. Quando termina, trocam de papéis. O professor controla e fornece feedback aos observadores, respondendo às suas questões.

Este estilo permite uma participação mais ativa do aluno, nomeadamente nos vetores cognitivo e social, não exigindo a presença permanente do professor.

O ensino recíproco apresenta igualmente vantagens do ponto de vista da aprendizagem dos alunos. Estas referem-se a evidências de um desempenho superior em diversas tarefas motoras, à qualidade do feedback fornecido pelos observadores, que é usualmente adequado e entendido como relevante pelo executante, e ainda ao facto de a prática nas condições do ensino recíproco facilitar a aprendizagem de pistas essenciais para a melhoria do desempenho pelos alunos (Byra, 2006). O estilo de ensino recíproco tem vantagens para a aprendizagem, salienta Nobre (2017),

“a aprendizagem procede (...) através de um juízo avaliativo realizado entre um desempenho que o observador sabe ideal, de acordo com os critérios fornecidos, e um desempenho real que é por si observado e sobre o qual precisa de emitir um feedback apropriado e válido. Acresce que em seguida executará a mesma tarefa e aqui poderíamos falar de uma aprendizagem tripla, a partir da observação vicariante, do juízo e da sua prática” (pag154).

2 – APRESENTAÇÃO E PERTINÊNCIA DO ESTUDO

2.1 – Formulação do problema

Com o passar dos meses de estágio temos vindo a observar o facto de muitos alunos não estarem motivados para as aulas de Educação Física e também das aulas serem muito semelhantes e repetitivas. Assim pensámos utilizar um estilo de ensino diferente do habitualmente usado e possivelmente alterar o grau de motivação dos alunos.

Assim, perante esta problemática, partimos do seguinte problema:

Será que o estilo de ensino recíproco tem influência na motivação dos alunos nas aulas de Futsal?

2.2 - Objetivos

Para o desenvolvimento do estudo, delineámos os seguintes objetivos:

- Identificar a motivação dos alunos para o Futsal.
- Determinar as formas de trabalho preferidas dos alunos.
- Identificar as motivações dos alunos para o trabalho a pares.

- Conhecer a influência percebida do trabalho a pares na aprendizagem dos alunos.

3 – METODOLOGIA

Neste capítulo apresentamos a forma como organizamos e definimos o modo de atuação para a resolução deste tema-problema e a caracterização dos participantes.

Este estudo assume uma natureza qualitativa, baseando-se na opinião dos alunos sobre a maneira como o estilo de ensino recíproco influencia a sua motivação nas de Futsal.

É utilizado um questionário para a recolha de dados e os dados são tratados de forma quantitativa.

3.1 – Procedimentos

Procedeu-se à entrega do questionário (anexo 8), previamente elaborado com a colaboração e supervisão do professor Doutor Paulo Nobre, à turma. Aquando da entrega do questionário foi dada uma breve explicação aos alunos acerca do objetivo do estudo.

A aplicação do questionário foi realizada no início do terceiro período, no decurso da UD de Futsal, de forma direta. Desenvolveu-se em 4 aulas de 90 minutos. No início de cada aula os alunos tinham conhecimento de quem iria participar no estudo. A recolha de dados era feita no início da parte fundamental da aula. Em grupos de dois os alunos trabalhavam a pares, sendo um executante e o outro observador. O executante desempenha a tarefa e o observador, munido de uma grelha de observação por nós elaborada (anexo 9), compara o desempenho do colega de acordo com os parâmetros nela estabelecidos, fornece feedbacks e regista os resultados.

Os dados colhidos através do questionário foram sujeitos a uma análise estatística descritiva, tendo sido utilizado o programa EXCEL para este fim. Após o estudo quantitativo foi feita uma discussão dos resultados obtidos com posterior formulação de conclusões acerca das questões em estudo.

3.2 – Instrumentos

Para a realização deste estudo recorreremos a um “Questionário sobre o uso do estilo de ensino recíproco e a motivação nas aulas de Educação Física”

A estrutura do questionário inclui 3 blocos temáticos: i) Identificação dos participantes; ii) opinião sobre a motivação para o Futsal; iii) opinião sobre a motivação para o uso do estilo de ensino recíproco. Foram ainda elaboradas grelhas de observação a utilizar pelos alunos no decorrer do estudo.

3.3 – Caracterização dos participantes

Este estudo foi aplicado aos 28 alunos do 9º G da Escola Secundária Eng.º Acácio Calazans Duarte, sendo 13 do género feminino e 15 do género masculino. 15 alunos têm 14 anos, (10 do género feminino e 5 do género masculino), 9 alunos têm 15 anos (3 do género feminino e 6 do género masculino) e 4 alunos têm 16 anos todos do género masculino, sendo a sua média de idades de 15 anos (14,6).

De seguida apresentamos um quadro com a caracterização da amostra.

Quadro 3 - Caracterização dos participantes (N=28 alunos)

Género	Idade			Total	Média
	14 Anos	15 Anos	16 Anos		
Feminino	10	3	0	13	14,2
Masculino	5	6	4	15	14,9
Total	15	9	4	28	14,6

4 - APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Neste capítulo apresentamos os resultados obtidos, por género.

4.1 – Motivação dos alunos para a matéria do Futsal

Apresentamos em seguida, no quadro 4 – Motivação dos alunos para a matéria do Futsal.

Quadro 4 – “Motivação dos alunos para a matéria de Futsal”

	Nenhuma	Muito Pouca	Indiferente	Alguma	Muita	Total
Masculinos	1 (3,5%)	1 (3,5%)	1 (3,5%)	3(10,7%)	9 (32,0%)	15 (54%)
Femininos	0 (0%)	0 (0%)	4 (14.2%)	8 (28,5%)	1 (3,5%)	13 (46%)
Total	1 (3,5%)	1 (3,5%)	5 (17,7%)	11 (39.2%)	10 (35,5%)	28 (100%)

Como podemos observar a maioria dos alunos está motivada para o Futsal, verificando-se maior motivação por parte dos rapazes.

No quadro 5, apresentam-se as razões da motivação dos alunos.

Quadro 5 – “Razões da motivação dos alunos”

		M		F		T	
A	Não gosto da modalidade	2	3%	1	1%	3	4,4%
B	Gosto da modalidade	10	15%	7	10%	17	25,4%
C	Sou bom/boa na modalidade	7	10%	1	1%	8	11,9%
D	As aulas são cansativas	0	0%	1	1%	1	1,4%
E	As aulas são mais agradáveis que outras modalidades	2	3%	4	6%	6	8,9%
F	O professor ajuda-me a aprender esta matéria	4	6%	4	6%	8	11,9%
G	Posso trabalhar com um colega e aprendo melhor	7	10%	4	6%	11	16,4%
H	Posso trabalhar com um grupo e aprendo melhor	7	10%	6	9%	13	19,4%

As razões mais destacadas são “gosto da modalidade” (25,4%) e “posso trabalhar com um grupo aprendo melhor” (19,4%). As raparigas preferem “gosto da modalidade” (10%) e “posso trabalhar com um grupo e aprendo melhor” (9%). Os rapazes preferem o “gosto da modalidade” (15%) e, com 10% de preferências, “sou bom na modalidade, posso trabalhar com um colega e aprendo melhor e posso trabalhar com um grupo e aprendo melhor”. A razão menos destacada é “as aulas são cansativas” (1,4%) apenas referido pelas raparigas.

4.2 – Formas de trabalho preferidas pelos alunos

Apresentamos no quadro 6 – Formas de trabalho preferidas pelos alunos.

Quadro 6 – “Formas de trabalho preferidas pelos alunos”

	Sozinho	Com um colega	Com um grupo de colegas	Com professor	Total
Masculinos	0 (0%)	4 (14%)	11 (39%)	0 (0%)	15 (54%)
Femininos	0 (0%)	6 (21%)	7 (25%)	0 (0%)	13 (46%)
Total	0 (0%)	10 (36%)	18 (64%)	0 (0%)	28 (100%)

Como podemos observar a maior parte dos alunos prefere trabalhar com um grupo de colegas (64%). Todos preferem a interação com colegas.

No quadro 7, apresentam-se as razões das formas de trabalho preferidas pelos alunos.

Quadro 7 – “Razões da forma de trabalho preferidas pelos alunos”

		M		F		Total	
A	Estou mais à vontade	9	8,1%	10	9,1%	19	17,2%
B	Aprendo melhor	8	7,2%	8	7,2%	16	14,4%
C	O professor ajuda-me a aprender esta matéria	2	1,8%	0	0%	2	1,8%
D	Quando trabalho com um colega é mais fácil	4	3,6%	8	7,2%	12	10,8%
E	Interesso-me nas aulas	7	6,3%	6	5,4%	13	11,7%
F	Satisfação nas aulas	4	3,6%	5	4,5%	9	8,1%
G	Envolvimento nas tarefas	5	4,5%	6	5,4%	11	9,9%
H	Ajudar os outros/colegas a melhorar	9	8,1%	7	6,3%	16	14,4%
I	Motiva	6	5,4%	7	6,3%	13	11,7%

As razões mais destacadas são “estou mais à vontade” (17,2%), “aprendo melhor” (14,4%) e “ajudar os colegas a melhorar” (9,9%). As raparigas preferem “estou mais à vontade” (9,1%) e, com 7,2% de preferências, “aprendo melhor” e “quando trabalho com um colegas é mais fácil”. Os rapazes preferem com 8,1% de preferências “estou mais à vontade” e “ajudar os colegas a melhorar”. A razão menos destacada é “o professor ajuda-me a aprender esta matéria”.

4.3 – Motivação dos alunos para o trabalho a pares.

Apresentamos nos quadros 8 - Motivação dos alunos para o trabalho a pares.

Quadro 8 – “Motivação dos alunos para o trabalho a pares”

	Nada	Pouco	Alguma	Muita	Muitíssima	Total
Masculinos	1 (3,5%)	0 (0%)	2 (7,1%)	9 (32%)	3 (10,7%)	15 (54%)
Femininos	0 (0%)	0 (0%)	2 (7,1%)	7 (25%)	4 (14,2%)	13 (46%)
Total	1 (3,5%)	0 (0%)	4 (14,2%)	16 (57%)	7 (24,9%)	28 (100%)

Como podemos observar a motivação dos alunos para o trabalho a pares é elevado sendo que para a maioria dos alunos é “Muita” (57%) sendo ainda “Muitíssima” para a quarta parte dos alunos (24%).

No quadro 9, apresentam-se as razões da motivação dos alunos para o trabalho a pares.

Quadro 9 – “Razões da motivação dos alunos para o trabalho a pares”

		M		F		Total	
A	As aulas são cansativas	1	1,2%	1	1,2%	2	2,4%
B	As aulas são mais interessantes	11	13,5%	10	12,4%	21	25,9%
C	Aprendo melhor com o outro colega	5	6,1%	8	9,7%	12	14,6%
D	Quando trabalho com um colega é mais fácil	7	8,5%	9	11,0%	16	19,5%
E	Interaço com os colegas	9	11,0%	5	6,1%	14	17,1%
F	Quando estou a dizer como se faz ao colega percebo melhor o que tenho que fazer	4	4,1%	5	6,1%	9	11,0%
G	Quando avalio os outros colegas ajuda-me a perceber como devo fazer	3	3,7%	4	4,95	7	8,5%

As razões mais destacadas são “as aulas são mais interessantes” (25,9%) e “quando trabalho com um colega é mais fácil” (19,5%). As raparigas preferem “as aulas são mais interessantes” (12,4%) e “quando trabalho com um colega é mais fácil” (11,0%). Os rapazes preferem “as aulas são mais interessantes” (13,5%) e “interajo com os colegas” (11,0%). A razão menos destacada com 1,2% de preferências “as aulas são cansativas” (1,4%) referido igualmente por ambos os géneros.

4.4 – Influência percebida do trabalho a pares na aprendizagem do Futsal

Apresentamos no quadro 10 - Influência percebida do trabalho a pares na aprendizagem do Futsal.

Quadro 10 - “Influencia percebida do trabalho a pares na aprendizagem do Futsal”

	Nenhuma	Muito Pouca	Indiferente	Alguma	Muita	Total
Masculinos	1 (3,5%)	0 (0%)	1 (3,5%)	7 (24,0%)	6 (21,0%)	15 (54,0%)
Femininos	1 (3,5%)	0 (0%)	3 (10,7%)	3 (10,7%)	6 (21,0%)	13 (46,0%)
Total	2 (7,0%)	0 (0%)	4 (14,2%)	10 (34,7%)	12 (42,0%)	28 (100%)

Como podemos observar a influência do trabalho a pares na aprendizagem do Futsal é “Muita” (42,0%). Para quase metade da turma é “Alguma” (34,0%).

Finalmente, relativamente à *influência percebida do trabalho a pares na aprendizagem do Futsal*, as respostas que mais se destacam são as que se prendem com o trabalho com os colegas. Por parte dos rapazes destacam-se as respostas que valorizam a facilidade de aprendizagem trabalhando com o colega. As raparigas destacam a ideia de que se sentem mais motivadas para a prática da modalidade e aprendem melhor trabalhando com o colega.

5 – DISCUSSÃO DE RESULTADOS

No presente capítulo, iremos fazer a discussão dos resultados, relacionando-os com o quadro teórico e dessa forma verificar se os resultados por nós apurados, são concordantes com o que apurámos dos diversos autores, sobre o tema. De modo a facilitar essa discussão, iremos seguir a mesma estrutura para a apresentação de resultados.

5.1 - Motivação dos alunos para o Futsal

As percentagens mostram-nos que a maioria dos alunos está motivada para o Futsal e pelo facto de poderem trabalhar com um grupo aprendem melhor.

No ponto de vista pedagógico, motivar é quando se fornece um motivo para a aprendizagem, ou seja, estimular no aluno a vontade de aprender, visto que os alunos só aprendem quando têm algum motivo ou interesse em assimilar novos conhecimentos.

Neste ponto, o professor tem uma função bastante importante visto ser ele quem tem de guiar, orientar e estimular os interesses dos alunos. Segundo Correia, (1993) a motivação é a condição necessária para que exista aprendizagem. Ela é o resultado de diferentes valores e objetivos que foram aprendidos na relação com os outros e com o meio.

5.2 – Formas de trabalho preferidas pelos alunos

Em relação à forma de trabalho, observámos que a maior parte dos alunos prefere o trabalho a pares. Obtêm melhores resultados porque estão mais à vontade, aprendem melhor e ajudam os outros colegas a melhorar.

O individuo está motivado quando deseja realizar alguma ação. E como referem Knijnik ,Gregue & Sileno (2005), a motivação surge quando existe uma predisposição interna que leva o individuo a continuar a ação. Quando o individuo tem ações bem-sucedidas existe um aumento de satisfação e conseqüentemente a sua motivação. A reforçar esta ideia, Karageorghis & Terry (2011), dá um exemplo que a motivação intrínseca existe nos atletas/alunos que participam porque acham o desporto interessante, estimulante e agradável sem estarem preocupados com recompensas externas.

5.3. – Motivação dos alunos para o trabalho a pares

O grau de motivação para trabalhar a pares é elevado sendo que para a maioria dos alunos é “Muita” sendo ainda “Muitíssima” para a quarta parte dos alunos. O facto de as aulas serem mais interessantes registou a preferência dos alunos imediatamente seguida da facilidade registada quando se trabalha com um colega.

De acordo com Mitchell, (1996) e Weiss (1987) têm sugerido que quando os alunos adotam uma atitude positiva em relação às suas habilidades na Educação Física, aumenta a sua motivação intrínseca. Quando os professores providenciam continuamente experiências onde os alunos têm sucesso, é muito provável que os alunos se apercebem e compreendam que estão a realizar corretamente uma habilidade. Assim após os alunos sentirem que estão a ter um sucesso consecutivo faz com que tenham

uma percepção mais positiva da sua autoestima e faz com que se sintam menos intimidados por si mesmos.

5.4. - Influência do trabalho a pares na aprendizagem do Futsal

A maior parte dos alunos considera o trabalho a pares importante. Para quase metade da turma é muito importante. Destaca-se o facto de referirem que o trabalho com o colega os motiva mais e facilita a aprendizagem.

“ O ensino recíproco apresenta igualmente vantagens do ponto de vista da aprendizagem dos alunos. Estas referem-se a evidências de um desempenho superior em diversas tarefas motoras, à qualidade do feedback fornecido pelos observadores, que é usualmente adequado e entendido como relevante pelo executante, e ainda ao facto de a prática nas condições do ensino recíproco facilitar a aprendizagem de pistas essenciais para a melhoria do desempenho pelos alunos” (Byra, 2006,citado por Nobre, P.).

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização deste trabalho de investigação, podemos tirar algumas conclusões sobre os resultados obtidos.

Começamos desde já por dizer que a maioria da turma está motivada para as aulas de Futsal devido ao gosto pela modalidade e ao facto de poderem trabalhar em grupo o que parece levá-los a aprender melhor.

Em relação à motivação para o uso do estilo de ensino recíproco, observámos que a maior parte dos alunos respondeu positivamente.

O grau de motivação para trabalhar a pares é elevado. O facto de as aulas serem mais interessantes registou a preferência dos alunos imediatamente seguida da facilidade registada quando se trabalha com um colega.

O trabalho a pares é portanto importante e relevante para as aprendizagens do Futsal por estes alunos.

Importa dizer que este trabalho apresenta limitações, a começar pelo número de participantes. O estudo incidiu apenas nos alunos da turma do 9º G.

Seria interessante fazer-se uma nova aplicação do questionário no final da UD, de modo a perceber se os resultados obtidos são constantes e coerentes com a primeira aplicação, garantindo dessa forma uma validade maior das respostas dadas pelos alunos ou se obteriam resultados diferentes.

Tendo em conta os resultados obtidos com este estudo, seria interessante ser desenvolvido um trabalho futuro neste mesmo âmbito, pois seria pertinente realizar em estudo semelhante dirigido às turmas do 3º ciclo com o objetivo de perceber se o uso do estilo de ensino recíproco influencia a motivação dos alunos nas aulas de Educação Física.

BIBLIOGRAFIA

- Allen, J. & Howe, B. (1998). Perceptions of teacher's feedback and learning environment as predictors of intrinsic motivation in physical education.
- Amorose, A., & Horn, T. (2000). Perceptions of teacher's feedback and learning environment as predictors of intrinsic motivation in physical education. *Psychology of Sport and Exercise*, 4, 333–346.
- Basso, I. S. (1998). Significado e sentido do trabalho docente. Cad, CEDES, volume 19, nº44.
- Bento, J. (1987).Planeamento e avaliação em Educação Física.Coleção Horizonte de Cultura Física.Livros Horizonte.Lisboa.
- Bento, J. (1998).Planeamento e avaliação em Educação Física.Coleção Horizonte de Cultura Física.Livros Horizonte.Lisboa.
- Bento, J. (2003).Planeamento e avaliação em Educação Física.Coleção Horizonte de Cultura Física.Livros Horizonte.Lisboa.
- Black, J, & Weiss, M. (1992). Perceptions of teacher's feedback and learning environment as predictors of intrinsic motivation in physical education.
- Bloom, B. (1971). *Handbook on the Formative and Summative Evaluation of Learning*.
- Corbin, C. (2004). Physical Activity for Children: Current Patterns and Guidelines. President's Council on Physical Fitness and Sports.
- Correia, L. (1993). *A Motivação dos Alunos para as aulas de Educação Física*. F.M.H.
- Caetano,S.&Silva,M. (2009). Ética Profissional e Formação De Professores. Revista de Ciências de Educação,08 pp.49-60.

- Graça, A. (2001). Breve roteiro da investigação empírica na Pedagogia do Desporto: a investigação sobre o ensino da Educação Física. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. Nº 1 p.104-113
- Haydt, R. (2002). *Avaliação do processo ensino-aprendizagem*. São Paulo: Ática
- Karageorghis, C.I., & Terry, P. C. (2011). *Inside Sport Psychology*. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Knijnik, J., Greguol, M., & Sileno, S., (2005). Motivação no esporte infanto-juvenil: Uma discussão sobre as razões de busca e abandono da prática esportiva entre crianças e adolescentes. *Revista virtual EF Artigos-Natal-RN*. Vol.03.
- Mitchell, S. (1996). Relationships between perceived learning environment and intrinsic motivation in middle school physical education. *Journal of Teaching in Physical Education*.
- Mosston, M., & Ashworth, S., (1986, 2008). *Teaching Physical Education*. (P. Education, Ed.).
- Mouratidis, A., Vansteenkiste, M., Lens, W., & Sideridis, G., (2008). The motivating role of positive feedback in sport and physical education: Evidence for a motivational model, 240–268.
- Nobre, P. (2015). *Avaliação das Aprendizagens no Ensino Secundário*. Tese de doutoramento. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.
- Nobre, P. (2017). Estilos de ensino. In R. A., Martins, G. Dias & P. C. Mendes (Eds), Ténis: Estratégia, Perceção e Ação (pp145-146). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. DOI:http://doi.org/10.14195/978-989-26-1286-7_5

- Nunes, M. (1995). *Motivação para a Prática Desportiva. Revista Horizonte XII Nº67.*
Lisboa.
- Quina, J. (2009). *A organização do processo de ensino em Educação Física.*
Edição: Instituto Politécnico de Bragança.
- Piéron, M. (1996). *Formação de Professores. Aquisição de Técnicas de ensino e Supervisão Pedagógica.* (C. Q. FMH edições, Ed.).
- Ribeiro Silva, E., Fachada, M. & Nobre, P. (Ed.s) (2018). *Prática Pedagógica Supervisionada 2017-2018.* Coimbra: Mestrado em Ensino de Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, FCDEF-UC. ISBN:978-989-96807-6-0.
- Ribeiro, A., & Ribeiro, L. (1990). *Planificação e Avaliação do Ensino-Aprendizagem.*
Aberta, Universidade.
- Rocha, C. C. M. (2009). *A Motivação de adolescentes do ensino fundamental para a prática da Educação Física escolar.* Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.
- Siendentop, D. (1998). *Aprender a Enseñar la Educacion Física.* Barcelona: INDE Publicaciones.
- Todorov, J. & Moreira, M. (2005). O conceito de Motivação na Psicologia. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, Vol. VII Nº1, 1199–132, ISSN 1517-5545
- Weiss, M. (1987). Self-esteem and achievement in children's sport and physical activity, 87–119.
- Zabalza, M. (1992). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola.* 2ª ed.; rio tinto: Edições Asa.

ANEXOS

Anexo 1 - Caracterização da turma

Anexo 2 - Mapa de rotações/Roulement

Anexo 3 - Plano de Aula

Anexo 4 – Exemplo de grelha de Avaliação Diagnóstica

Anexo 5 – Exemplo de grelha de Avaliação Formativa

Anexo 6 – Exemplo de grelha de Avaliação Sumativa

Anexo 7 – Grelha de Autoavaliação

Anexo 8 – Questionário

Anexo 9 – Exemplo de grelha de observação do tema- problema

Anexo 10 – Certificado “ Pensar Educação, Desafia a Escola”

Anexo 11 – Certificado – Ação de Formação – Programa FITescola

Anexo 12 – Diploma Gira Vólei – Ação de Formação de Gira -Vólei

Anexo 13 – Certificado de voluntário nos Regionais do Desporto Escolar 2018

Anexo14 – Certificado Solitário – IV Jornadas (Solidárias) Científico – Pedagógicas
– Componente de investigação do relatório de estágio

Anexo 15 – Certificado – VII Oficinas de Ideias em Educação Física

Anexo 1 – Caracterização da turma

DADOS PESSOAIS	
Nome:	_____
Ano:	_____ Turma: _____ Nº: _____ Data de Nascimento: ____/____/____ Idade: _____
Nacionalidade:	_____
Morada:	_____
Telef:	_____ Telemóvel: _____
E-mail:	_____
Distância casa/escola:	_____ (Km) Tempo gasto na deslocação: _____ (min)
Meio de transporte que utilizas com mais frequência?	_____

SAÚDE	
Tens algum problema de saúde:	_____ Se sim, qual (ou quais): _____
Algum destes problemas dificulta ou impede a prática de atividade física?	_____
Já tiveste alguma doença grave:	_____ Se sim, qual (ou quais): _____
Costumas adoecer frequentemente?	_____
Com que frequência vais ao médico?	_____

DADOS ESCOLARES	
Gostas de frequentar a escola?	_____
Já reprovaste:	_____ Se sim, quantas vezes: _____ Em que anos: _____
Quais os motivos:	
Doença	<input type="checkbox"/>
Excesso de Faltas	<input type="checkbox"/>
Mudança de Escola	<input type="checkbox"/>
Mau Aproveitamento Escolar	<input type="checkbox"/>
Outros	<input type="checkbox"/>
Quais:	_____

Qual a tua frequência de estudo:

Diariamente Semanalmente Em vésperas de testes Nunca

Quais as habilitações literárias que pretendes atingir:

Escolaridade obrigatória 12º Ano Curso Superior

Curso Profissional

Tiveste Educação Física no 1º ciclo? _____ Se sim, quantos anos? _____

Qual a classificação final obtida na disciplina de Educação Física no ano anterior? _____

Assinala com um **X** na resposta que melhor caracteriza o seu nível de satisfação:

Modalidades	Não Gosto	Gosto Pouco	Gosto	Gosto Muito	Nunca Pratiquei
Basquetebol					
Andebol					
Futsal					
Voleibol					
Rugby					
Ténis					
Badminton					
Atletismo					
Ginástica					
Dança					
Desportos Combate					
Escalada					

Das modalidades mencionadas anteriormente, em quais sentes mais dificuldades?

Gostas mais de Desportos coletivos ou individuais? _____

DADOS DESPORTIVOS

Já praticaste alguma modalidade desportiva federada? _____

Se sim, qual (ou quais)? _____ Quantos anos? _____

Atualmente, praticas alguma modalidade? _____

Se sim, qual (ou quais)? _____

Com que frequência praticas semanalmente? _____

Gostarias de frequentar algum núcleo de desporto escolar? _____

Se sim, qual (ou quais)? _____

Gostarias de praticar algum desporto que ainda não tenhas praticado? _____

Se sim, qual (ou quais)? _____

Anexo 2 - Mapa de rotação/Roulement



2017 / 2018

Distribuição (4) dos Espaços de Aula de Educação Física

	2ª Feira				3ª Feira				4ª Feira				5ª Feira				6ª Feira			
	Relvado	Ginásio	Exter.	Poliv.	Relvado	Ginásio	Exter.	Poliv.												
08:30	12E/I	11H	12C	9E	10A	11F	11J/L	10I	10B	11P	12C	12D		10E	11D/G	12D	10D	12B	10H	10I
	AaSa	NE	SD	CaSo	RV	NE	CaSo	AaSa	CaSo	AaSa	SD	NE		ND	SD	NE	RV	EF	ND	AaSa
09:15	12E/I	11H	12C	9G	10A	11F	11J/L	10I	10B	11P	12C	12D		10E	11D/G	12D	10D	12B	10H	10I
	AaSa	NE	SD	CS	RV	NE	CaSo	AaSa	CaSo	AaSa	SD	NE		ND	SD	NE	RV	EF	ND	AaSa
10:15	12H	12A	11E	9H	10F	11A	11D/G	12J/L	12H	11M/N	12F	9E		9A		12G	10A	11F	11E	12O
	AaSa	EF	SD	CaSo	RV	EF	SD	AaSa	AaSa	ND	SD	CaSo		EF		NE	RV	NE	SD	AaSa
11:00	12H	12A	11E	9H	10F	11A	11D/G	12J/L	12H	11M/N	12F	9E	9D	9A	9F	12G	10A	11F	11E	12O
	AaSa	EF	SD	CaSo	RV	EF	SD	AaSa	AaSa	ND	SD	CaSo	RV	EF	CS	NE	RV	NE	SD	AaSa
11:55	9D		12F	9B	11C	10C	11I	10G	12E/I	12B	10H	12G	11B	12A	9B	9G	10F	10E	12M/N	10G
	RV		SD	CaSo	PT	AS	SD	NE	AaSa	EF	ND	NE	PT	EF	CaSo	CS	RV	ND	AaSa	NE
12:40	9D	9A	12F		11C	10C	11I	10G	12E/I	12B	10H	12G	11B	12A	9B	9G	10F	10E	12M/N	10G
	RV	EF	SD		PT	AS	SD	NE	AaSa	EF	ND	NE	PT	EF	CaSo	CS	RV	ND	AaSa	NE
13:30																				
15:10	10B	10C	9F	10N/R		11H		11O					11C		9C				11I	
	CaSo	AS	CS	PT		NE		CaSo					PT		CS				SD	
15:55	10B	10C	9F	10N/R		11H	9C	11O					11C		9C	9H			11I	
	CaSo	AS	CS	PT		NE	CS	CaSo					PT		CS	CaSo			SD	
16:50	11B	11A	10M/O		10D		10P/Q							10J/L		2ºCEF2A				
	PT	EF	CS		RV		AaSa							CS		CaSo				
17:55	11B	11A	10M/O		10D		10P/Q							10J/L		2ºCEF2A				
	PT	EF	CS		RV		AaSa							CS		CaSo				

Professores

RV - Rui Verdingola (EF 1)
 EF - Ernesto Ferreira (EF 2)
 AS - António Santos (EF 3)
 PT - Paulo Tojeira (EF 4)
 SD - Susana Domingues (EF 5)

CS - Cláudio Sousa (EF 6)
 NE - Nuno Escudeiro (EF 7)
 ND - Nuno Duarte (EF 10)
 CaS - Carlos Soares (EF 11)
 AF - Anabela Santos (EF 12)

No 2º Período, de
3 a 26 de janeiro de 2018

Anexo 3 – Plano de Aula

Professora	Luís Baptista	Data	30/04/2018	Período	3º	Ano/Turma	9º G
Nº da aula	83	Duração	45'	Nº de Alunos Previstos	28	Local	Exterior
Nº da aula UD	10 de 12						
Hora	09h15/10h00	Unidade Didática		Futsal			

Função Didática	
Objetivos de Aula	
Sumário	
Recursos Materiais	

Tempo		Descrição das tarefas	Organização	Objetivos/Componentes Críticas / Critérios de Êxito	Estilo de ensino/Palavras Chave
Total	Parcial				
Parte Inicial					

Parte Fundamental					
Parte Final					
Justificação das opções tomadas					

Reflexão Crítica

Anexo 4 – Exemplo de Grelha de Avaliação Diagnóstica

Parâmetros de avaliação								
1- Não executa		2- Executa com dificuldade				3- Executa Bem		
Nº	Nº de Alunos	Passe	Manchete	Deslocamentos	Serviço	Remate	Bloco	Observações
1		2	2	2	3	-	-	
2		1	1	1	2	-	-	
3		2	2	2	3	-	-	
4		1	1	1	2	-	-	
5		2	2	2	2	-	-	
6		2	2	1	2	-	-	
7		2	2	2	2	-	-	
8		2	1	1	2	-	-	
9		2	2	2	3	-	-	
10		1	1	1	2	-	-	
11		2	2	2	2	-	-	
12		2	1	1	2	-	-	
13		2	1	1	2	-	-	
14		2	2	2	2	-	-	
15		1	2	1	1	-	-	
16		2	1	1	2	-	-	
17		2	2	1	2	-	-	
18		2	2	1	3	-	-	
19		2	2	1	2	-	-	
20		2	2	2	3	-	-	
21		2	2	2	3	-	-	
22		2	2	1	2	-	-	
23		1	1	2	2	-	-	
24		1	1	2	2	-	-	
25		1	2	1	2	-	-	
26		1	2	1	2	-	-	
27		2	2	2	3	-	-	

QUIZZ ATLETISMO

1. **As ordens de partida utilizadas numa prova de 100 metros são:**
 - a) “Prontos”, “Aos seus lugares”, seguido do sinal da pistola.
 - b) “Aos seus lugares”, “Prontos”, seguido do sinal da pistola.
 - c) “Aos seus postos”, “Prontos”, seguido do sinal da pistola.
 - d) Nenhuma correta.

2. **O salto é nulo quando:**
 - a) O atleta realiza a chamada além da tábua de chamada.
 - b) O atleta sai da caixa de areia para trás.
 - c) O atleta realiza a chamada na zona ótima da tábua de chamada.
 - d) As respostas a) e b) estão corretas.

3. **No Atletismo a técnica de corrida é fundamental. Durante a situação de *skipping* alto, deve-se ter em atenção (assinala a resposta falsa):**
 - a) Os membros inferiores devem realizar ações circulares.
 - b) O tronco deve estar inclinado à frente e o olhar dirigido para baixo.
 - c) O movimento alternado dos braços deve estar sempre presente.
 - d) Os joelhos elevam-se sensivelmente a 90°.

4. **As fases do Salto em Comprimento, por ordem de execução, são:**
 - a) Corrida de balanço, saída, voo e chamada.
 - b) Chamada, corrida de balanço, voo e queda.
 - c) Corrida de balanço, chamada, voo e saída.
 - d) Corrida de balanço, chamada, voo e queda.
 - e) Nenhuma das anteriores.

5. Na corrida de velocidade, os atletas podem passar para a pista do lado, desde que não interfira com o adversário.

a) Verdadeiro.

b) Falso.

6. No salto em comprimento, após a chamada, o joelho deverá ser elevado.

a) Verdadeiro.

b) Falso.

7. Na posição de “Aos Seus Lugares” um atleta não poderá tocar nem na linha de partida, nem no terreno situado à frente dela com as suas mãos ou pés.

a) Verdadeiro.

b) Falso.

8. Após a voz de partida “prontos”, os atletas têm que estar imóveis.

a) Verdadeiro.

b) Falso.

9. As várias modalidades do atletismo são distribuídas pelos seguintes grandes grupos: saltos, corridas e lançamentos.

a) Verdadeiro.

b) Falso.

10. À ordem de “Prontos” o atleta deve colocar-se numa posição de equilíbrio.

a) Verdadeiro.

b) Falso.

Anexo 6 – Exemplo de Grelha de Avaliação Sumativa

Parâmetros de Avaliação

1 - Não executa	2 – Não executa	3 -Executa com dificuldade	4 - Executa	5 – Executa bem
-----------------	-----------------	----------------------------	-------------	-----------------

Nº	Nº de Alunos	Passe	Receção/controlo de bola	Condução de bola /finta	Remate	Situação de jogo		Observações:
						Mov.Ofensivos	Mov.Defensivos	
1		5	5	5	5	5	4	
2		3	3	3	3	3	3	
3		3	3	3	3	3	3	
4		3	3	3	3	3	3	
5		3	3	3	3	3	4	
6		4	4	3	4	4	4	
7		5	5	5	5	5	5	
8		3	3	3	3	3	3	
9		3	3	3	3	3	3	
10		3	3	3	3	3	3	
11		3	3	3	3	4	4	
12		3	3	3	3	3	3	
13		3	3	3	3	3	3	
14		3	3	3	3	3	3	
15		3	3	3	3	3	3	
16		3	3	3	3	3	3	
17		4	4	3	4	4	4	
18		5	5	4	5	5	4	
19		4	4	3	4	4	4	
20		5	5	4	5	5	5	
21		5	5	4	5	5	5	
22		3	3	3	3	4	4	
23		3	3	3	3	3	3	
24		3	3	3	3	4	3	
25		3	3	3	3	3	3	
26		3	3	3	3	4	3	
27		3	3	3	3	3	3	
28		5	5	5	5	5	5	

Anexo 7 – Grelha de Autoavaliação

Ficha de Autoavaliação – 1º Período				
Nome:				
Ano:	Turma:	Nº	Ano letivo: 2017/2018	

Legenda				
Sempre	Muitas Vezes	Às Vezes	Poucas Vezes	Nunca
5	4	3	2	1

Cognitivo (20%)				
Conteúdos	1ºP	2ºP	3ºP	
1 – Demonstro conhecimento sobre o conteúdo abordado.				
2 – Respondo (oral e por escrito) de forma correta às questões colocadas pelo professor.				
3 – Esclareço eventuais dúvidas dos colegas.				
4 – Conheço as regras das modalidades abordadas.				
5 – Conheço as componentes críticas base dos gestos a realizar.				
6 – Elaboro e entrego os relatórios das aulas que não realizo.				
De 1 a 5 qual a nota que mereço no domínio Cognitivo?				

Socio-Afetivo (20%)				
Conteúdos	1ºP	2ºP	3ºP	
1 – Coopero com os meus colegas e professor nas atividades.				
2 – Trago o equipamento necessário para a realização da aula.				
3 – Sou pontual e assíduo.				
4 – Executo as tarefas propostas pelo professor.				
5 – Tento superar as minhas dificuldades.				
6 – Respeito as regras de convivência.				
7 – Preocupo-me com a minha higiene pessoal (banhos).				
8 – Cuido e preocupo-me com os materiais.				
9 – Consigo ouvir o que me é transmitido.				
10 – Respeito as diferenças dos colegas.				
De 1 a 5 qual a nota que mereces no domínio Socio-Afetivo?				

Psicomotor (60%)				
Conteúdos	1ºP	2ºP	3ºP	
1 – Executo corretamente os gestos técnicos das modalidades.				
2 – Possuo coordenação dos segmentos corporais.				
3 – Utilizo as estratégias (defesa-ataque) básicas do jogo.				
3 – Aplico correctamente as componentes críticas nas modalidades individuais				
4 – Aplico em jogo situação trabalhadas de forma analítica.				
De 1 a 5 qual a nota que mereces no domínio Psicomotor?				

1º Período			
Cognitivo (C)	Socioafetivo (S)	Psicomotor (P)	Total
Nota: x0,20=	Nota: x0,2=	Nota: x0,6=	C+S+P=

2º Período			
Cognitivo (C)	Socioafetivo (S)	Psicomotor (P)	Total
Nota: x0,20=	Nota: x0,2=	Nota: x0,6=	C+S+P=

3º Período			
Cognitivo (C)	Socioafetivo (S)	Psicomotor (P)	Total
Nota: x0,20=	Nota: x0,2=	Nota: x0,6=	C+S+P=

Nota Final - 1º Período:	Justificação:
Nota Final - 2º Período:	Justificação:
Nota Final - 3º Período:	Justificação:

Propostas para melhorar as aulas de EF (1º Período):
Propostas para melhorar as aulas de EF (2º Período):
Propostas para melhorar as aulas de EF (3º Período):

Questionário sobre o uso de estilo de ensino recíproco e a motivação nas aulas em Educação Física

O preenchimento deste inquérito é importante para o desenvolvimento de um trabalho, com o tema "O uso do estilo de ensino recíproco e a motivação nas aulas de Educação Física". O ensino recíproco caracteriza-se pelo trabalho a pares, de um aluno com um colega, a quem fornece feedbacks de acordo com os critérios preparados pelo professor. O executante desempenha a tarefa e o observador compara o desempenho do colega com os critérios e dá-lhe feedback.

Com este questionário pretende-se recolher informação sobre a realização do trabalho a pares (ensino recíproco) nas aulas de Educação Física. A tua colaboração é fundamental e os dados recolhidos destinam-se a tratamento estatístico, sendo garantida a confidencialidade dos mesmos.

Este questionário não é um teste nem uma avaliação, pelo que não haverá respostas, certas ou erradas. A tua resposta sincera e espontânea será a melhor resposta.

1 - Identificação dos participantes:

Neste grupo é a tua identificação.

1- Idade: _____

2- Sexo: Masculino _____ Feminino _____

2 - Opinião sobre a motivação para o Futsal.

Neste grupo pretendemos saber a tua opinião sobre a tua motivação para o Futsal. Considerando a seguinte escala em que 1 corresponde a **nenhuma** e 5 corresponde a **muita**, assinala com uma cruz (X), por baixo do valor correspondente à opção mais adequada.

2.1 - Qual a tua motivação para o Futsal?

1: Nenhuma	<input type="checkbox"/>	2: Muito Pouca	<input type="checkbox"/>	3: Indiferente	<input type="checkbox"/>	4: Alguma	<input type="checkbox"/>	5: Muita	<input type="checkbox"/>
------------	--------------------------	----------------	--------------------------	----------------	--------------------------	-----------	--------------------------	----------	--------------------------

2.1.1 - Porquê?

- A. Não gosto da modalidade.
- B. Gosto da modalidade.
- C. Sou bom / boa no futsal.
- D. As aulas são cansativas.
- E. As aulas são mais agradáveis que outras modalidades
- F. O professor ajuda-me a aprender esta matéria.
- G. Posso trabalhar com um colega e aprendo melhor.
- H. Posso trabalhar com um grupo e aprendo melhor.

3- Opinião sobre a motivação para o uso deste estilo de ensino recíproco?

Não esqueças:

O estilo de ensino recíproco é usado quando tu trabalhas a pares/colega de acordo com critérios preparados pelo professor. Tu seleccionas os papéis de executante e observador. O executante desempenha a tarefa e o observador dá feedback s.

Neste grupo de perguntas, queremos saber qual a tua motivação para o uso deste estilo de ensino nas aulas de Educação Física. Considerando a seguinte escala em que 1 corresponde a **nada** e 5 a **muitíssima**, assinala com uma cruz (X) a opção mais adequada (assinala uma única opção).

3.1 - No futsal o que achas que resulta melhor?

1: Sozinho		2: Com um colega		3: Com um grupo de colegas		4: Com o professor	
------------	--	------------------	--	----------------------------	--	--------------------	--

3.1.1 – Porquê?

- A. Estou mais à vontade.
- B. Aprendo melhor.
- C. O professor ajuda-me a aprender esta matéria.
- D. Quando trabalho com um colega é mais fácil.
- E. Interesse-me nas aulas.
- F. Satisfação nas aulas.
- G. Envolvimento nas tarefas.
- H. Ajudar os outros/colegas a melhorar.
- I. Motiva

3.2 - Se gostas de trabalhar a pares, com outro colega ou com o grupo indica o teu grau de motivação?

1: Nada		2:Pouco		3: Alguma		4:Muita		5:Muitíssima	
---------	--	---------	--	-----------	--	---------	--	--------------	--

3.2.1 - Porquê?

- A. As aulas são cansativas.
- B. As aulas são mais interessantes.
- C. Aprendo melhor com outro colega.
- D. Quando trabalho com um colega/grupo é mais fácil.
- E. Interajo com os colegas.
- G. Quando estou a dizer como se faz ao colega percebo melhor o que tenho que fazer.
- H. Quando avalio os outros colegas ajuda-me a perceber como devo fazer (outro questionário)

3.3 - Que influencia tem o trabalho a pares na tua aprendizagem do Futsal?

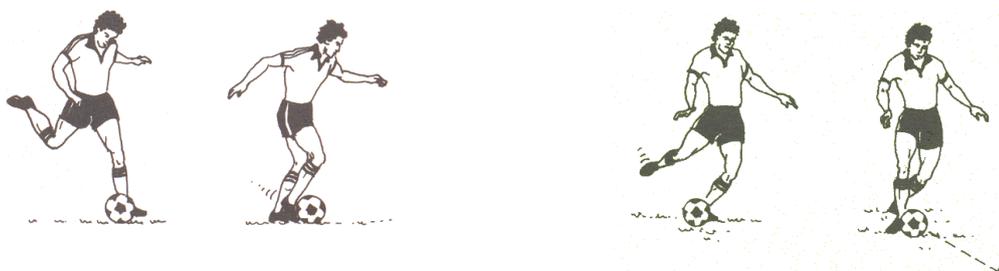
1: Nenhuma		2: Muito Pouco		3: Indiferente		4: Alguma		5: Muita	
------------	--	----------------	--	----------------	--	-----------	--	----------	--

3.3.1 - Porquê?

Anexo 9 – Exemplo de Grelha de observação do Tema Problema

Executante: _____

Observador: _____



Objetivo: Remate

A - Pé de apoio próximo da bola;

B –Bater a bola com a parte interna do pé ou peito do pé;

C – Segui o movimento depois do batimento.

Parâmetros de Avaliação

4- Não executa

2 – Executa com muita dificuldade

3 Executa com dificuldade

4 – Executa bem

5 – Executa muito bem

O que tens de melhorar?

A

B

C

Observadores e Executantes

Grupo 3 – Lara Ferreira; Margarida; Maria Pais; Mariana Ascenso; Patrício Sousa e Paulo Lopes

Grupo 4 – Ricardo Gomes; Rodrigo Santos; Sardor Uktamov; Sérgio Henriques; Soraia Sousa e Tiago Lisboa.

Grupo 5 – Tomás Fernandes; Vera Fernandes; Viviana Pedro e João Santos

Tema – problema” O uso do estilo de ensino recíproco e a motivação das aulas de Educação Física”

2017/2018

Anexo 10 – Certificado “Pensar Educação, Desafiar a Escola”

 centro de formação Entidade Formadora Certificada – Registo n.º CCFFC/ENT-AE-1272/17	 REPUBLICA PORTUGUESA EDUCAÇÃO
<u>CERTIFICADO</u>	
Olga Maria Pedroso Morouço, diretora do Centro de Formação de LeiriMar, certifica que Luís Filipe Henriques Baptista, portador(a) do bilhete de identidade/cartão de cidadão n.º 10530110, que leciona no(a) Agrupamento de Escolas Marinha Grande Poente , frequentou a seguinte Ação de Formação de Curta Duração:	
Designação: “Pensar Educação, Desafiar a Escola” .	
Nº de registo: LeiriMar-ACD-39/2017 , com a duração de 3 (três) horas .	
Formador(es): Isilda Pereira e Silva , com o grau de Doutora.	
Promovida pelo(a) Agrupamento de Escolas Marinha Grande Poente .	
Data e local: 11 de setembro , no(a) Auditório José Vareda - Sport Operário Marinhense .	
Mais se certifica que:	
a) para os efeitos previstos no artigo 8.º do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores, a presente ação releva para a avaliação do desempenho e para a progressão em carreira do(s) Educadores de Infância, Professores dos Ensinos Básico e Secundário de Educação Especial .	
b) para efeitos da aplicação do artigo 9.º do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores, a presente ação Não releva para a avaliação do desempenho e para a progressão em carreira.	
Esta ação de formação cumpre o disposto no ponto 2, do artigo 5.º, do Despacho n.º 5741/2015, de 29 de maio.	
Marinha Grande, 25 de setembro de 2017	A Diretora do Centro de Formação de LeiriMar  (Olga Maria Pedroso Morouço)

Anexo 11 – Certificado – Ação de Formação - Programa FITescola

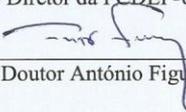


CERTIFICADO

Ação de formação - Programa FITescola

Para os devidos efeitos se declara que **Luis filipe Henriques Baptista** participou na **Ação de Formação – Programa FITescola**, organizada pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, que teve lugar no dia 15 de setembro de 2017. A formação teve a duração de cinco horas.

O Diretor da FCDEF-UC



(Prof. Doutor António Figueiredo)

Anexo 12 – Diploma – Ação de Formação de Gira-Volei



Anexo 13 – Certificado de Voluntário nos Regionais do Desporto Escolar 2018



Anexo 14 – Certificado Solidário – IV Jornadas (Solidárias) Científico-Pedagógicas


UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário
IV Jornadas (Solidárias) Científico-Pedagógicas
Componente de investigação do Relatório de Estágio

CERTIFICADO SOLIDÁRIO

Certifica-se que LUÍS FILIPE HENRIQUES BAPTISTA participou nas IV Jornadas (Solidárias) Científico-Pedagógicas de encerramento do Estágio Pedagógico em Educação Física.

Coimbra, 16 de março de 2018
A Coordenadora do MEEFEBS

(Prof.ª Doutora Elsa Ribeiro da Silva)

Anexo 15 – Certificado – VII Oficina de Ideias em Educação Física

